

IMPERIALISMO Páginas 11 a 22

Trump contra os trabalhadores dos EUA e do mundo

TUDO DOMINADO

Banco Master mostra a cumplicidade da Justiça e de políticos com falcatruas dos banqueiros

Páginas 23 a 30



OPINIÃO SOCIALISTA

O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA EDIÇÃO

Pág. 4 a 10

EDITORIAL

**POR TRÁS DOS NÚMEROS,
A VIDA DO POVO NÃO
ESTÁ MELHORANDO**

Pág. 11 a 22

CENTRAIS

**TRUMP CONTRA OS
TRABALHADORES DOS
EUA E DO MUNDO**

Pág. 23 a 30

NACIONAL

**ESCÂNDALO DO BANCO MASTER
MOSTRA CUMPLICIDADE DA
JUSTIÇA E DE POLÍTICOS COM
FALCATRUAS DOS BANQUEIROS**

Pág. 31 a 34

NACIONAL

**SETE ANOS DEPOIS DE
BRUMADINHO, MINAS GERAIS
VOLTA A VIVER COM MEDO**

Pág. 35 a 40

OPRESSÕES

**VISIBILIDADE TRANS:
A VISIBILIDADE QUE
TEMOS E A QUE QUEREMOS**

Pág. 41 a 45

OPRESSÕES

**PL ANTICOTAS EM SANTA
CATARINA: UMA OFENSIVA
RACISTA A SERVIÇO DA
EXTREMA DIREITA**

Pág. 46 a 56

ENTREVISTA

**“UM GRITO DE DIGNIDADE:
O QUE SE PEDIA NÃO ERA SÓ
ECONÔMICO, OS
MANIFESTANTES SABIAM QUE
A MISÉRIA ERA CAUSADA
PELA POLÍTICA”**

Pág. 57 a 70

INTERNACIONAL

**SOLIDARIEDADE E RESISTÊNCIA
CONTRA O CONSELHO DE PAZ
DOS CEMITÉRIOS DE TRUMP**

Pág. 71 a 77

NEGROS E NEGRAS

**SOBRE A POLÊMICA DO NÊGO
BISPO E OS PERIGOS DA
ROMANTIZAÇÃO DE
TERRITÓRIOS AMEAÇADOS**

Pág. 78 a 83

EDUCAÇÃO

**NEM UM PROFESSOR SEM
EMPREGO, NEM UM
ESTUDANTE SEM ESCOLA!**

Pág. 84 a 86

NACIONAL

JUSTIÇA POR ORELHA!

Pág. 87 a 92

CULTURA

**CARNAVAL COM MUITA FOLIA
E PROTESTOS**

CONTRIBUA PARA UMA IMPRENSA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Opinião Socialista é o jornal oficial do PSTU. Nestes mais de 28 anos, o Opinião sempre se firmou de forma contundente como uma imprensa operária, de esquerda, um contraponto à hegemonia da mídia burguesa. Durante esses anos, o jornal adquiriu diferentes formatos ou periodicidade. Mas esteve sempre ligado à luta de classes.

Para continuar defendendo uma visão socialista do mundo a serviço da classe trabalhadora, o Opinião pede a sua contribuição. Faça uma contribuição e fortaleça uma ferramenta para a discussão de uma estratégia socialista para se mudar de fato a realidade. Confira abaixo como você pode contribuir.

OPINIÃO SOCIALISTA

Banco do Brasil
Agência: 4054-1
Conta: 26751-1
PIX: 55.446.524/0001-00



EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ: 06.021.557/0001-95 /Atividade Principal 47.61-0-01

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Mariúcha Fontana (MTb 14555)

REDAÇÃO: Diego Cruz, Júlio Anselmo, Luciana Candido e Roberto Aguiar

DIAGRAMAÇÃO: Ana Sbabbo

CONTATOS

📷 @opiniaosocialista

📞 Clique aqui e fale conosco pelo WhatsApp

✉️ opinião@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista - São Paulo (SP) CEP: 01313-000

Por trás dos números, a vida do povo não está melhorando



Fonte: reprodução

O governo diz que tudo vai bem, o Brasil está tecnicamente no pleno emprego, a renda média é recorde e a isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil vai aliviar parte do peso dos impostos sobre a classe trabalhadora. Isso pelo menos é o que dá a entender a divulgação dos últimos números oficiais. Mas é isso que você vê nas ruas ou sente quando vai ao supermercado?

Alguém poderia dizer que não podemos analisar a realidade a partir da nossa percepção, certo? Vamos então às últimas pesquisas. Levantamento Meio/Ideia mostra que a maioria das pessoas, 51%, nutre um desejo por mudança. Ao mesmo tempo, mesmo nesse cenário, a avaliação negativa do governo Lula supera em quase cinco pontos a positiva. Se estivesse tudo bem, por que o governo não é bem avaliado e as pessoas desejam mudar?

PAÍS DA DESIGUALDADE

Se olharmos para os números com mais cuidado, podemos entender a razão. O que é anunciado como a “renda média recorde” são R\$ 3.613. Mas esse número é uma pegadinha, pois, além de já ser um valor rebaixado, não é todo mundo que recebe isso. Na verdade, segundo o último Censo, mais de 70% dos trabalhadores recebem o equivalente a dois salários mínimos, que hoje está em R\$ 1.621. Essa média é puxada para cima por conta da enorme desigualdade que não só não vem se reduzindo, como se aprofunda cada vez mais.

O salário médio de admissão hoje no país, por exemplo, é de R\$ 2.304 segundo dados do Ministério do Trabalho. Nos hipermercados, setor que mais emprega hoje no Brasil, é de R\$ 1.932. Esses valores estão bem abaixo do salário mínimo calculado pelo Dieese (valor necessário para cumprir sua função constitucional de garantir saúde, lazer etc.), de R\$ 7,1 mil.

Isso acontece num momento em que o grande empresariado reclama de falta de mão de obra e afirma que as pessoas “não estão contentes com o salário”. Na verdade, não é só o empresariado que vê a atual condição do mercado de trabalho como um problema. O Banco Central, em sua última reunião, decidiu manter as taxas de juros em 15%, uma das maiores do mundo. Qual foi uma das justificativas? A pressão do mercado de trabalho. Ou seja, uma tímida melhora no desemprego, mesmo com as pessoas recebendo salários mais do que rebaixados, é vista como um problema (ou “desafio”) pelo banco responsável pela política econômica do governo.

Veja a loucura da situação: o Banco Central, comandado por indicados do governo Lula, impõe uma política para, de forma deliberada, manter certo nível de desemprego e salários baixos com a desculpa de combater a inflação. E o que provoca os juros altos? De um lado, enchem os bolsos dos grandes banqueiros que investem na dívida pública, eleva a dívida, o que, na outra ponta, faz com que Haddad, em conluio com Lula, imponha uma política de arcabouço fiscal, um teto de gastos que, na prática, tira dinheiro da saúde, da educação e do próprio salário mínimo para arcar com o pagamento dos juros da dívida.

É essa situação que permite também, por exemplo, que o Itaú bata o recorde de lucro de um banco no Brasil em toda a história: R\$ 46,8 bilhões em 2025. Isso dá inimagináveis R\$ 128 milhões por dia.

Recentemente, o professor da PUC-SP Ladislau Dowbor calculou que um bilionário, com essa taxa de juros, ganha R\$ 400 mil por dia sem fazer absolutamente nada. Um valor que um trabalhador que tenha a sorte hoje de receber a tal renda média de R\$ 3.613 demoraria quase oito anos para juntar com a mesma taxa de juros e poupando todo o seu salário sem gastar com mais nada. Perceba a diferença: um dia para oito anos.

Não é difícil, portanto, entender a razão de tanto descontentamento. Os salários baixos empurram os trabalhadores para a informalidade e para trabalhos por aplicativos, o que também ajuda a mascarar o índice real do desemprego. Por outro lado, o governo mantém uma política econômica

que aprofunda a desigualdade e ataca direitos sociais e serviços públicos para continuar enriquecendo banqueiros. A percepção é que se trabalha muito, ganha-se muito pouco, e a vida não melhora.

Taxas de juros faz com que um bilionário hoje ganhe R\$ 400 mil por dia sem fazer nada

DISCURSO E PRÁTICA

O governo Lula, munido de pesquisas internas qualitativas, vem traçando sua estratégia para a reeleição: um discurso antissistema, contra os bilionários e em defesa dos mais pobres. Mas é justamente o contrário do que vem fazendo. Está comprometido com o cumprimento do arcabouço fiscal e das metas de déficit zero para agradar o mercado. Para isso, tenta contar com a cumplicidade do Centrão no Congresso Nacional em troca de emendas bilionárias.

O projeto do governo é continuar administrando o capitalismo para os grandes monopólios e, dentro disso, fazer concessões aos trabalhadores sem atacar nenhum interesse da burguesia. A questão é que a margem para isso é quase nenhuma.

A isenção do Imposto de Renda é uma medida insuficiente. Não altera uma das estruturas tributárias mais injustas do mundo, que joga o

peso dos impostos nas costas da classe trabalhadora ao tributar essencialmente o consumo. Caso a tabela fosse realmente atualizada, só pagaria imposto quem recebe mais de R\$ 6,6 mil, e a alíquota máxima de 27,5% recairia sobre quem recebe mais de R\$ 12.374. Ao mesmo tempo, taxar 10% dos dividendos acima de R\$ 50 mil é muito pouco, e as empresas estão burlando isso de várias maneiras. E o governo não fez nada para impedir isso. É preciso sobretaxar os lucros das 250 maiores empresas e proibir a remessa de lucro pro exterior.

ENTREGA DO PAÍS

O governo Lula continua sem enfrentar os grandes monopólios e capitalistas. Ao contrário, administra o capitalismo num cenário em que o Brasil segue num processo de desindustrialização e reprimarização; em que vai se rebaixando cada vez mais na Divisão Internacional do Trabalho. Isso significa que, em nível mundial, o país segue se rebaixando às séries C e D, ficando cada vez mais subordinado e dependente das grandes potências. O reflexo disso é a desnacionalização e o aumento do grau de exploração, com empregos cada vez mais precários.

O recente acordo que o Brasil encabeçou entre Mercosul e União Europeia expressa a completa ausência de um projeto nacional de desenvolvimento. Aponta o oposto: um projeto de longo prazo de aprofundamento da subordinação, com o Brasil sendo exportador de produtos primários de baixo valor e dependente de produtos industrializados.

Já o acordo com o governo Trump, longe de ser um movimento de enfrentamento e afirmação de

nossa soberania, colocou na mesa as cobiçadas terras raras em troca da redução das tarifas para a nossa carne, soja e café.

O governo Lula, ao mesmo tempo em que defende nas palavras a soberania e a independência do Brasil, entrega o país aos imperialismos estadunidense, europeu e chinês. Quem pagar mais leva. Ou, como prefere o governo, se combinar direitinho, cada potência imperialista pode pegar um pedaço.

ULTRADIREITA NÃO ESTÁ MORTA

Nesse cenário, a extrema direita, que hoje briga pelo espólio do bolsonarismo, aparece em crise, mas longe de estar morta. Isso, convenhamos, não porque são muito espertos, mas porque as próprias condições estruturais do país – econômicas, sociais e políticas – aparecem como um terreno fértil para seu discurso populista de ultradireita.

Dizem que o problema do país é a corrupção, sendo que são os mais corruptos (vide o caso do Banco Master). Afirmam que o problema é o crime organizado, sendo que estão atolados até o pescoço nos esquemas financeiros do PCC ou tantos outros, como o governo Tarcísio, em São Paulo, ou Cláudio Castro no Rio. E bradam a favor da meritocracia e do empreendedorismo, sendo que são os que mais mamam nas tetas do Estado.

Apesar de todas essas contradições, esse discurso encontra eco numa população, inclusive entre a classe trabalhadora, que se sente desesperançada, não vê a vida melhorar e sofre diaria-

mente com o avanço da barbárie social. É um setor que também se coloca como administrador do capitalismo, a favor dos bilionários e do imperialismo, mas de forma mais descarada, autoritária e violenta.

Por uma alternativa realmente antissistema
A maior parte da esquerda, a esquerda da ordem, usa o argumento de sempre para defender o governo Lula: não há correlação de forças para enfrentar a burguesia e a extrema direita. São trinta anos com o mesmo discurso, enquanto o país vai para o brejo. Isso apesar de o próprio presidente Lula ter agradecido ao Centrão e ao Congresso, que “aprovou tudo o que queríamos aprovar” segundo suas próprias palavras.

Enquanto não construirmos uma alternativa realmente antissistema, com uma perspectiva revolucionária e socialista, não conseguiremos romper com esse círculo vicioso, a desigualdade continuará se aprofundando, e o país, se subordinando cada vez mais aos imperialismos. A classe trabalhadora continuará refém de alternativas que se propõem a administrar o capitalismo, mas que, ao fim e ao cabo, inevitavelmente cairão na desmoralização ao não atenderem às necessidades da grande maioria do povo. ■

ESTADOS UNIDOS

Trump contra os trabalhadores dos EUA e do mundo



JÚLIO ANSELMO,
DA REDAÇÃO



Protestos contra o ICE em Minneapolis. Fonte: Reprodução

No último período, o mundo assiste a uma ofensiva econômica e militar sem precedentes por parte do imperialismo estadunidense. Dos tarifários, passando pelas ameaças contra a América Latina, a Groenlândia e agora o Irã, até uma intervenção militar direta na Venezuela e o plano de ocupação de Gaza. No plano interno, Donald Trump promove uma caça aos imigrantes, passando por cima das leis do próprio país, mas também sofrendo uma forte resistência do movimento de massas. O que está por trás das ações dos EUA?

Trump tenta reformatar o mundo e os Estados Unidos para retomar uma dinâmica ascendente

do capitalismo imperialista estadunidense, hoje em evidente decadência. Sua política parte do reconhecimento de que a manutenção do funcionamento “normal” da economia capitalista mundial passou a favorecer o emergente imperialismo capitalista chinês.

A concentração e centralização do capital, características do imperialismo, quando atingem níveis gigantescos, tendem a aprofundar o parasitismo financeiro. É isso que se expressa hoje nos EUA. Já o capitalismo chinês combina maior dinamismo na capacidade produtiva, taxas de lucro altíssimas e pujança comercial, além de se beneficiar do fato de ainda estar no movimento inicial de seu imperialismo com a exportação de capitais começando. Isso dá a ele uma vantagem relativa na disputa nos termos econômicos postos hoje no mundo. Por isso, consegue inundar a Europa com carros elétricos, adquirir ativos estratégicos ao redor do mundo e avançar sobre regiões historicamente dominadas pelos EUA, como a América Latina, aumentando a disputa por lucros com os monopólios capitalistas dos EUA.

Diante disso, Trump busca alterar as regras do jogo. Para tanto, combina o tensionamento autoritário do regime democrático-burguês no plano interno com agressões econômicas e militares no plano externo. A perseguição aos imigrantes pelo Serviço de Imigração e Fiscalização Aduaneira (ICE na sigla em inglês), as ameaças às liberdades democráticas, os ataques aos direitos dos trabalhadores e o questionamento do próprio processo eleitoral fazem parte dessa estratégia. No plano

internacional, essas medidas se articulam com o tarifaço, as ameaças militares e a intensificação da política imperialista contra diversos países.

AGRESSÕES ECONÔMICAS E MILITARES DO IMPERIALISMO

Os EUA ainda são o principal país imperialista do mundo e têm a vantagem de décadas de domínio e exportação de capitais. Seus monopólios de fato ainda dominam o mundo. Tem larga vantagem em vários ramos da disputa tecnológica que são chave para a disputa interimperialista. Mas sua principal força é a superioridade militar. E Trump já demonstrou que usará e tem usado este expediente quando julgar necessário.

Trump tenta reconfigurar a velha ordem mundial em todos os sentidos. Tudo para que consiga ainda mais domínio de matérias-primas fundamentais para as novas tecnologias, acesso a mercados em condições ainda mais privilegiadas e inclusive eliminação da concorrência de outros setores capitalistas. É a velha e permanente lógica de disputar entre os monopólios capitalistas por zonas de influência e de negócios pelo mundo.

IMPÉRIO CONTRA-ATACA

As ações de Trump contra Groenlândia, Venezuela e Irã

Quando Trump ameaça a Groenlândia, ele não coloca em questão apenas a OTAN. Coloca em questão todos os acordos e a estratégia construída com os países imperialistas europeus

após a Segunda Guerra Mundial, que acomodou o imperialismo inglês, francês e alemão e mais países, culminando num projeto de integração imperialista que significou ataques aos trabalhadores, desmantelamento do estado de bem-estar social, rebaixamento de países e espoliação dos mais pobres. Tudo em associação com os EUA. Trump questiona a União Europeia, a OTAN, tudo isso em prol dos interesses dos monopólios capitalistas dos EUA.



População da Groenlândia protestam contra Trump

A agressão imperialista contra a Venezuela, com o sequestro de Maduro, nada tem a ver com a defesa da democracia ou combate ao narcotráfico. Foram desculpas usadas para

garantir acesso ao petróleo e terras raras, ainda que os EUA tenha bastante petróleo hoje. Mas o interesse do Trump é garantir um acordo colonial com o governo venezuelano. Não só controla o petróleo, como o que o governo vai comprar com este dinheiro, que deve estar de acordo com os interesses dos EUA. Ao mesmo tempo, manda um recado contra a influência crescente do imperialismo chinês e russo.

Na verdade, esta ação é só o episódio mais grave de uma série de ataques contra todos os países da América Latina. Foi o tarifaco contra o Brasil tentando interferir no judiciário e nas eleições, ameaças a Colômbia, México e Panamá, e agora aumenta o tom das ameaças contra Cuba. Tudo isso faz parte de uma retomada da velha doutrina Monroe de tratar a América Latina como quintal dos EUA, aprofundando a espoliação e a ingerência dos EUA sobre todos os países do subcontinente.

ORIENTE MÉDIO

Na faixa de Gaza Trump avança com seu plano de colonização em conluio com Israel para manter o povo palestino fora de suas terras, manter o genocídio por diversos caminhos, adicionado agora a política de gerir diretamente Gaza, com predomínio da participação dos monopólios capitalistas dos EUA na reconstrução, ou seja, transformar a reconstrução em negócios capitalistas principalmente no mercado imobiliário.

O ataque que Trump realizou contra o Irã em junho de 2025 foi uma antessala e uma demonstração da doutrina militar da extrema

direita. Trump foi eleito prometendo não colocar os EUA em novas guerras. Mas isso não quer dizer menos violência imperialista. Trump não envia soldados mas se arvora no direito de atacar qualquer alvo que seja do interesse dos EUA. Assim, sem declarar guerra, sem autorização do congresso, sem nenhuma formalidade, só agride países com grandes operações militares como foi contra as instalações militares do Irã e contra a Venezuela. Tem atacado também o Estado islâmico na Nigéria com apoio do governo local.

E agora segue ameaçando militarmente o Irã. Não tem nada a ver com a repressão e as mortes promovidas pelo regime opressor do Irã contra trabalhadores, mulheres e o povo iraniano que justamente protestam contra a ditadura, as péssimas condições de vida com as medidas neoliberais adotadas pelo regime, assim como a falta de liberdade democrática para as mulheres no capitalismo teocrático iraniano. Os EUA é a nação mais opressora e repressora que existe. Usa isso e também o programa nuclear iraniano como desculpa para tentar subordinar cada vez mais esse país ao seus interesses econômicos e políticos na região.

A agressão imperialista contra a Venezuela, com o sequestro de Maduro, nada tem a ver com a defesa da democracia ou combate ao narcotráfico.

FORA ICE!

Luta e resistência contra a violência da polícia de imigração de Trump

O governo Trump ampliou o contingente e o financiamento do ICE para aplicar uma política de imigração profundamente violenta e reacionária. Milhares de agentes, muitos identificados com a extrema direita do movimento MAGA (Faça a América Grande de Novo), atuam para perseguir, prender e violentar pessoas sob a acusação de imigração irregular. Para isso, utilizam uma legislação já pouco democrática, herdada da chamada guerra ao terror, agora aprofundada e aplicada de forma ainda mais arbitrária.

Famílias são separadas, crianças arrancadas de seus pais, comunidades inteiras aterrorizadas. Tudo isso em nome do combate à imigração, quando na realidade os fluxos migratórios são resultado direto da opressão, da espoliação e da exploração histórica promovidas pelo imperialismo estadunidense sobre inúmeros países. O capital exige liberdade total para circular e explorar onde quiser. Já os trabalhadores, quando buscam sobreviver, são recebidos com repressão e violência.

A morte de Renee Good e Alex Pretti escancarou o caráter dessa política repressiva. Ambos eram cidadãos estadunidenses e se opunham de forma ativa às ações do ICE. Esses crimes evidenciaram que a repressão não se limita aos imigrantes: trata-se de um ataque mais amplo

contra a classe trabalhadora. Hoje são os trabalhadores imigrantes; amanhã, serão todos os trabalhadores. Não é a toa que essa política se combina com o constante envio de tropas federais para reprimir manifestações como vimos em Los Angeles.



Manifestações Fora ICE nos Estados Unidos

RESISTÊNCIA

Após os assassinatos, a resposta do governo foi defender os agentes e justificar a política de repressão, o que intensificou a revolta. Em Minneapolis, cresceu a organização comunitária para vigiar bairros e repelir as ações do ICE. Trata-se de uma auto-organização inicial dos trabalhadores, que pelas tradições do país incluem autodefesa armada, contra as arbitrariedades de um Estado capitalista dirigido pela extrema direita. Combinaram-se com greves parciais, grandes passeatas e mobilizações de massa e demonstraram a força da resistência dos trabalhadores.

O movimento de luta e resistência ao ICE em Minneapolis obrigou o governo Trump a recuar. Derrubou o comandante do ICE, embora tenha

entrado outro cara tão ruim quanto. E obrigou o governo a retirar partes dos agentes das cidades e comunidades, mostrando a força da luta e resistência dos trabalhadores. A luta continua. Está sendo convocada uma grande mobilização com o lema “No Kings” para o dia 28 de março.

Apesar dos limites impostos pelas direções ligadas a concepções burguesas, é fato que as mobilizações são um terreno fértil para que os trabalhadores dos EUA reúnam forças para construir uma alternativa política própria, com independência de classe e defesa de um projeto socialista. A auto-organização dos trabalhadores deve colocar a luta contra o autoritarismo de Trump na perspectiva da independência de classe, da necessária luta dos trabalhadores dos EUA contra sua própria burguesia imperialista, e não ficar a reboque de outros setores burgueses como setores do Partido Democrata.

GO HOME!

É preciso derrotar o autoritarismo e o imperialismo de Trump

O sentido de todos estes acontecimentos é um só. Trump diz: ou faça o que eu quero ou corre o risco de receber um ataque militar. Não é à toa que os líderes europeus e vários capitalistas importantes disseram que a velha ordem já morreu e agora se trata de Trump tentando impor uma nova ordem baseada na lei do mais forte.

Para eles, é o fim da ordem baseada em regras internacionais. Para nós, é evidente que as regras internacionais sempre foram as regras que favoreciam os países imperialistas. A ordem mundial imperialista vigente até então era o engodo e a exploração dos trabalhadores por vias aparentemente democráticas, mas que significa a subordinação dos países pobres aos países ricos e a exploração dos trabalhadores pelos monopólios capitalistas da burguesia.

A jornada de Trump é contra os trabalhadores dos EUA e do mundo. Para aumentar a taxa de lucro das empresas dos EUA, flertar com o autoritarismo é uma necessidade. Por isso dentro dos EUA, embora ainda não tenha correlação de forças para implementar um autoritarismo aberto, promove repressão e tensiona o regime. Tudo para aumentar o nível de exploração dos trabalhadores dos EUA. De fato, Trump parece se inspirar no segredo do crescimento chinês, que foi a brutal repressão e a ditadura que permitiram a exploração profunda dos trabalhadores chineses. Os trabalhadores devem derrotar as ações autoritárias e imperialistas de Trump dentro e fora dos EUA.

Na disputa entre setores burgueses, não existe imperialismo bonzinho ou setor capitalista menos pior. O que existe são diversas faces da dominação dos monopólios capitalistas com um setor burguês alimentando o outro. Os trabalhadores devem enfrentar o imperialismo dos EUA com independência de classe, sem ficar a reboque do imperialismo da Europa ou da China. Unidade de ação contra as ações

agressivas de Trump, mas denunciando o papel nefasto que cumpre as direções do movimento que se defendem e se aliam aos setores burgueses ou mesmo ligadas aos outros imperialismos.

Os trabalhadores devem aproveitar a disputa entre o velho imperialismo e o novo imperialismo para fortalece um projeto socialista e revolucionário que defenda soberania dos povos e direitos para os trabalhadores e enfrente os lucros dos bilionários e o crescimento da barbárie.

Os trabalhadores devem derrotar as ações autoritárias e imperialistas de Trump dentro e fora dos EUA.



Polícia anti-imigração reprime protesto em Minneapolis

EM DEFESA DA SOBERANIA

Brasil deve romper com o imperialismo dos EUA

Enquanto os EUA governado por Trump ataca o Brasil e vários países da América Latina, Lula adota a posição de buscar negociação, conciliação e capitulação diante do imperialismo. Era preciso que o governo brasileiro tivesse tomado uma medida em oposição à ação dos EUA contra a Venezuela. Romper relações seria o mínimo, mas devia ter atacado as multinacionais dos EUA instaladas aqui. Mas Lula segue na onda de que rolou uma química com Trump e promete visitar o país para seguir entregando as terras raras e outras riquezas nacionais.

Lula comemora ainda um acordo com o imperialismo europeu que vai privilegiar a indústria europeia, fortalecendo assim a dominação dos europeus sobre a economia do Brasil. Assim como segue apoiando a expansão do capital imperialista chinês, já entregando parte do parque elétrico e dando benesses para a BYD.

Em vez de enfrentar o imperialismo e apoiar ativamente as lutas dos povos oprimidos, busca acomodação, acordos diplomáticos e estabilidade para os negócios. Essa política não protege a soberania nacional, muito menos os interesses dos trabalhadores. Apenas desarma o país para conflitos inevitáveis e leva o país a aprofundar ainda mais sua subordinação aos diferentes imperialismos que buscam recolonizar ainda mais a América Latina. ■

TUDO DOMINADO

Escândalo do Banco Master mostra cumplicidade da Justiça e de políticos com falcatruas dos banqueiros



DIEGO CRUZ,
DA REDAÇÃO



Fonte: Reprodução

Dois meses após a prisão do banqueiro playboy Daniel Vercaro e da liquidação de seu banco Master, a sucessão de notícias, revelações e tentativas desesperadas de obstruir as investigações expõem muito mais do que já é o maior escândalo financeiro da história do Brasil.

Trata-se de uma crise que não se resume aos R\$ 47 bilhões em prejuízo por conta das falcatruas de Vercaro, mas expõe principalmente a impressionante rede que o banqueiro construiu para impulsionar e defender seus interesses. Do centrão à extrema direita bolsonarista, passando

pelo governo Lula e pelo Tribunal de Contas da União (TCU) e até igrejas.

O próprio fato de o ex-dono do Banco Master ter ficado pouco tempo detido e estar agora tomando sol tranquilamente à beira da piscina em sua mansão de R\$ 36 milhões mostra a cumplicidade do sistema com o larápio que deu um golpe em quase 14 milhões de pessoas. Mesmo com o trambiqueiro sendo pego embarcando em seu jatinho para escapar do país e financiando uma rede de influencers para defendê-lo e desacreditar as acusações.

Mas, diante da avalanche de notícias diárias, é preciso sistematizar minimamente esse esquema criminoso.

PIRÂMIDE FINANCEIRA E FRAUDES

Para os entendidos da Faria Lima, era público e notório que o Banco Master atuava às margens da lei. Vorcaro comprou o Banco Máxima, que viria a ser o Master, em 2018. De cara, a receita da instituição saltou de R\$ 190 milhões para R\$ 1 bilhão. Para se ter uma ideia, em 2024 o patrimônio do Master era de R\$ 4,2 bilhões, com lucros de mais de R\$ 500 milhões.

O principal mecanismo desse esquema era o oferecimento de CDB (Certificado de Depósito Bancário) a taxas muito maiores que as dos outros bancos. O chamariz para captar essa grana, oferecida inclusive por grandes corretoras como a XP, era a garantia do retorno pelo Fundo Garantidor de Crédito (FGC), que cobria investimentos de até R\$ 250 mil. Esse fundo é financiado pelas instituições financeiras

como uma espécie de bote salva-vidas caso um banco quebre, impedindo que leve todos junto.

Para evitar que o esquema aparecesse como era de fato, uma pirâmide financeira, Vorcaro e os demais bandidos da diretoria do Master precisavam simular operações por meio de empresas de fachada, as quais emitiam títulos de mentirinha, negociados pelo próprio banco. O pior nem era isso, mas afanar o dinheiro de fundos previdenciários de estados como o do Rio de Janeiro, que botou R\$ 1,2 bilhão nesse barco furado, via governo Cláudio Castro.

Quando a vaca já estava indo para o brejo, Vorcaro recorreu ao amigo Ibaneis Rocha, governador do Distrito Federal, para vender o Master ao Banco de Brasília (BRB). Apesar de o Banco Central ter vetado o negócio, já que daria muito na cara, o banco controlado por Ibaneis comprou R\$ 12 bilhões em créditos podres de Vorcaro e amarga um prejuízo de, no mínimo, tR\$ 5 bilhões. Uma conta que Ibaneis, agora, tenta jogar nas costas da população candanga.

LEIA MAIS

[CLIQUE AQUI](#)

Ao que tudo indica, esse esquema só foi desmantelado porque Vorcaro pesou a mão e exagerou nos trambiques, numa conta que seria paga pelos outros bancos, principalmente os bancões (sendo que, em última instância, quem banca o FGC é o próprio povo que paga juros de agiota, taxas extorsivos, além dos bancos públicos como Banco do Brasil e Caixa).

Fato é que, até o último momento, o sistema financeiro de conjunto tinha pleno conhecimento das falcatruas do Master e deixou rolar, inclusive o Banco Central, enquanto Vorcaro exibia sua vida nababesca construída em cima de fraudes. Será porque também fazem a mesma coisa, senão pior?



Daniel Vorcaro. Fonte: Reprodução

PIZZA MASTER

Enquanto fechávamos esta edição, a Câmara dos Deputados reunia assinaturas para uma CPI do Master. Mas é improvável que isso dê em alguma coisa, já que está todo mundo metido neste escândalo. O que se desenha é, ao contrário, uma pizza master para livrar todo mundo. A extrema direita e o bolsonarismo tentam jogar o desgaste no colo do governo Lula, mas estão até o pescoço afundados nessa lama. Entre trocas de acusação, o que une todos é abafar o caso, “com o Supremo e com tudo”.

Isso não impede que novos escândalos apareçam e a crise se aprofunde ainda mais,

arrastando os três poderes para uma desmoralização ainda maior. De qualquer forma, esse caso por si só mostra a cumplicidade criminosa do Legislativo, Executivo e Judiciário com as falcatruas do sistema financeiro. Se um banco pequeno como o Master mantinha essa rede de ligações, como deve ser um Itaú ou um Santander?

ESTATIZAÇÃO DO SISTEMA FINANCEIRO

O escândalo do Master escancarara como os banqueiros dominam todas as esferas deste regime dos ricos. Lucram de forma legalizada, com uma das maiores taxas de juros do mundo, enriquecem em cima do endividamento dos trabalhadores e do próprio mecanismo da dívida pública, sem produzir um parafuso, parasitando a renda do trabalho. Como se não bastasse, ainda lucram de forma ilegal, seja lavando dinheiro para organizações criminosas, seja por esquemas mais sofisticados de roubo como arquitetou Vorcaro – tendo o judiciário, o governo e a oposição de direita nas mãos, ou no bolso.



PF encontra R\$ 1,6 milhão em espécie na casa de um dos diretores do Banco Master Foto Polícia Federal

Esse sistema perpetua as condições para que os vorcaros da vida continuem roubando os trabalhadores, controlando tudo, do juiz ao deputado, lucrando com a pobreza e a miséria do povo. O escândalo do banco Master mostra a necessidade de se estatizar o sistema financeiro, sob controle dos trabalhadores, para que atue no desenvolvimento do país e atenda às necessidades da população, e não de meia dúzia de bilionários salafrários que se unem a políticos corruptos e ao crime organizado para continuarem roubando o país e o povo.

SE GRITAR PEGA LADRÃO...

Alguns dos principais envolvidos



MINISTRO DIAS TOFFOLI

Acatou prontamente o pedido da defesa de Vorcaro para o foro privilegiado tão logo o caso explodiu. E o que ele fez?

Simplesmente decretou sigilo das investigações. Pouco depois veio à tona a notícia que Toffoli havia viajado ao Peru no dia 29 de novembro num jatinho de um empresário para assistir à final da Libertadores. Um dos passageiros era do Banco Master.

Toffoli ainda tentou impedir que a Polícia Federal tivesse acesso ao material apreendido numa segunda fase da operação contra o Banco Master. Pouco tempo depois, apareceu a razão (ou uma delas) para Toffoli ser tão bonzinho com Vorcaro. Fundos ligados ao banco compraram

participação de irmãos do ministro num resort no interior do Paraná (especula-se que sejam laranjas do próprio Toffoli).



MINISTRO ALEXANDRE DE MORAES

O escritório comandado pela esposa do ministro mantinha um contrato de nada menos que R\$ 129 milhões com o Banco Master. Além da mulher de Moraes, dois dos três filhos do casal também atuam no escritório.



CIRO NOGUEIRA (PRESIDENTE DO PP):

Além de ter impedido uma CPI contra o Banco Master ainda em abril do ano passado, foi autor de uma PEC que tentava aumentar a cobertura do FGC dos atuais R\$ 250 mil para R\$ 1 milhão, no que ficou conhecida como “emenda Master”.



BOLSONARO E TARCÍSIO DE FREITAS

O cunhado de Vorcaro, o empresário e pastor Fabiano Zettel, foi o maior doador às campanhas de Bolsonaro e Tarcísio em 2022.

Zettel é ligado a fundos investigados na Operação Carbono Oculto, que revelou um esquema de lavagem de dinheiro do PCC na Faria Lima.



ANTÔNIO RUEDA (PRESIDENTE DO UNIÃO BRASIL):

Atuou pelo lobby para a compra do Master pelo BRB, junto a Ibaneis Rocha.



JAQUES WAGNER (PT)

O líder do governo no Senado é próximo do ex-sócio de Vorcaro, Augusto Lima. Além de ter sugerido Ricardo Lewandowski para integrar o conselho do banco, Jaques Wagner, em sua gestão no governo baiano, vendeu a rede de supermercados Cesta do Povo a Lima.



GUIDO MANTEGA (PT):

O ex-ministro da Fazenda de Lula foi contratado como consultor, na verdade lobista, por Vorcaro por um salário de módico R\$ 1 milhão. Articulou um encontro entre Lula e Vorcaro em 2024.■

O escândalo do Master escancara como os banqueiros dominam todas as esferas deste regime dos ricos

VALE

Sete anos depois de Brumadinho, Minas Gerais volta a viver com medo



GERALDO BATATA,
DE BELO HORIZONTE (MG)



Desastre em Brumadinho causado pela Vale. Fonte: Antonio Cruz | Agência Brasil

Nos últimos dias, moradores de Congonhas (MG), trabalhadores das minas e as comunidades sentiram na pele mais uma vez o terror das mineradoras. Três vazamentos em menos de uma semana foram confirmados em minas da região – incluindo áreas controladas pela Vale e outras grandes empresas como a CSN. O que se viu foi a mesma sujeira descendo, água poluída chegando aos rios (córrego do Goiabeira e Rio Maranhão) e a sensação de que nada mudou de verdade.

Esses vazamentos acontecem justamente quando se completam sete anos do rompimento da barragem de Brumadinho, que, em 25 de janeiro de 2019, matou 270 pessoas, destruiu famílias e deixou um rastro de sofrimento que ninguém esquece. Para quem vive próximo à mineração,

cada novo episódio de vazamento é um lembrete doloroso de que os riscos ainda estão presentes.

MINERAÇÃO PREDATÓRIA

Não dá para separar o cenário recente do que já vivemos. Os vazamentos em Congonhas mostram que o problema não foi apenas um grande desastre isolado no passado. A mineração realizada por grandes empresas privadas segue acontecendo sem a segurança e o cuidado que as pessoas e o meio ambiente merecem. As comunidades afetadas, como a antiga Plataforma e o bairro dos Motas, já sofreram e ainda sofrem com o ataque da mineração com desapropriações forçadas, poluição dos rios já destruídos pela contaminação constante.

Quem trabalha nas minas sabe: há pressão por produção, falta de transparência e pouca participação dos trabalhadores nas decisões que afetam sua segurança. Além disso, durante e depois da pandemia a mineração teve uma política ofensiva para reduzir custos de produção, o que refletiu em demissões e aumento relativo e absoluto da jornada de trabalho e, em consequência, menos investimento em segurança das estruturas e dos trabalhadores. Hoje, um trabalhador da Vale, por exemplo, tem que fazer o trabalho de três ou cinco trabalhadores. Se tem que garantir a produção, como cuidar das estruturas para evitar rompimentos?

Para quem mora nas cidades e distritos próximos, resta a preocupação constante com a água, o solo e a saúde das famílias. A notícia de mais um vazamento não é apenas mais uma manchete, é um medo real, que reverbera nas casas, nas escolas e nas rodas de conversa.

É preciso dizer com firmeza: a Vale e as mineradoras não conseguem operar sem destruir. Não é falta de tecnologia ou de dinheiro. É escolha. Escolha de economizar na segurança. De priorizar o lucro. De considerar vidas e rios como custos descartáveis. Os vazamentos recentes, três em poucos dias, são a prova viva de que esse modelo está quebrado.

Um trabalhador da Vale é obrigado a garantir hoje o serviço de três ou cinco trabalhadores

RESPONSABILIDADE DOS GOVERNOS

Por outro lado, ficam evidentes as consequências do desmonte dos órgãos de fiscalização, promovido pelo governo Zema. Ele permite que as mineradoras possam fazer tudo sem regras a cumprir. Após os desastres, aplica multas que não são pagas. Essas regras também são seguidas e incentivadas pelo governo Lula ao promover cortes orçamentários em toda área ambiental. Agora, com a aprovação pelo Congresso do PL da Devastação, a situação tende a se complicar ainda mais.

Outro aspecto é a impunidade dos executivos das mineradoras. Após sete anos, nem um dos executivos do alto escalão da Vale foi punido. Acordos financeiros são feitos para comprar políticos e seu silêncio e cumplicidade. O modelo exploratório e destruidor continua. O ciclo de destruição se renova, e novos desastres e crimes prosseguem. Quem vê Congonhas pelo alto

enxerga cenas apocalípticas de destruição da natureza, barragens imensas, rios barrentos da cor dos rejeitos, sem vida, sem peixes.

Sete anos depois de Brumadinho, não queremos mais promessas vazias, nem desculpas de velhacos executivos e acionistas, nem multas que não mudam nada. Queremos mudanças reais.

Se os vazamentos continuam a acontecer, mesmo depois de uma tragédia tão grande como Brumadinho, é porque o problema está no modelo, não em algumas empresas isoladas.

Outro jeito de minerar é possível, mas isso só virá quando as comunidades e os trabalhadores tiverem voz e controle sobre seus próprios recursos.

EXIGIMOS:

A estatização da Vale e de toda a mineração, para tirar das mãos privadas os recursos que pertencem ao povo.

Controle dos trabalhadores e das comunidades atingidas sobre as decisões que impactam suas vidas.

Fundo de reparação diretamente gerido por quem sofreu com os desastres e vazamentos, e não por empresas envolvidas nos próprios crimes.

Reformas profundas na fiscalização e na segurança para que não sejamos reféns de mais vazamentos, poluição e mortes. ■

LGBTI+

Visibilidade Trans: a visibilidade que temos e a que queremos



RAY MARIA,
DA SECRETÁRIA NACIONAL LGBTI+ DO PSTU E DO COLETIVO REVIDA



Marcha Trans. Fonte: Reprodução

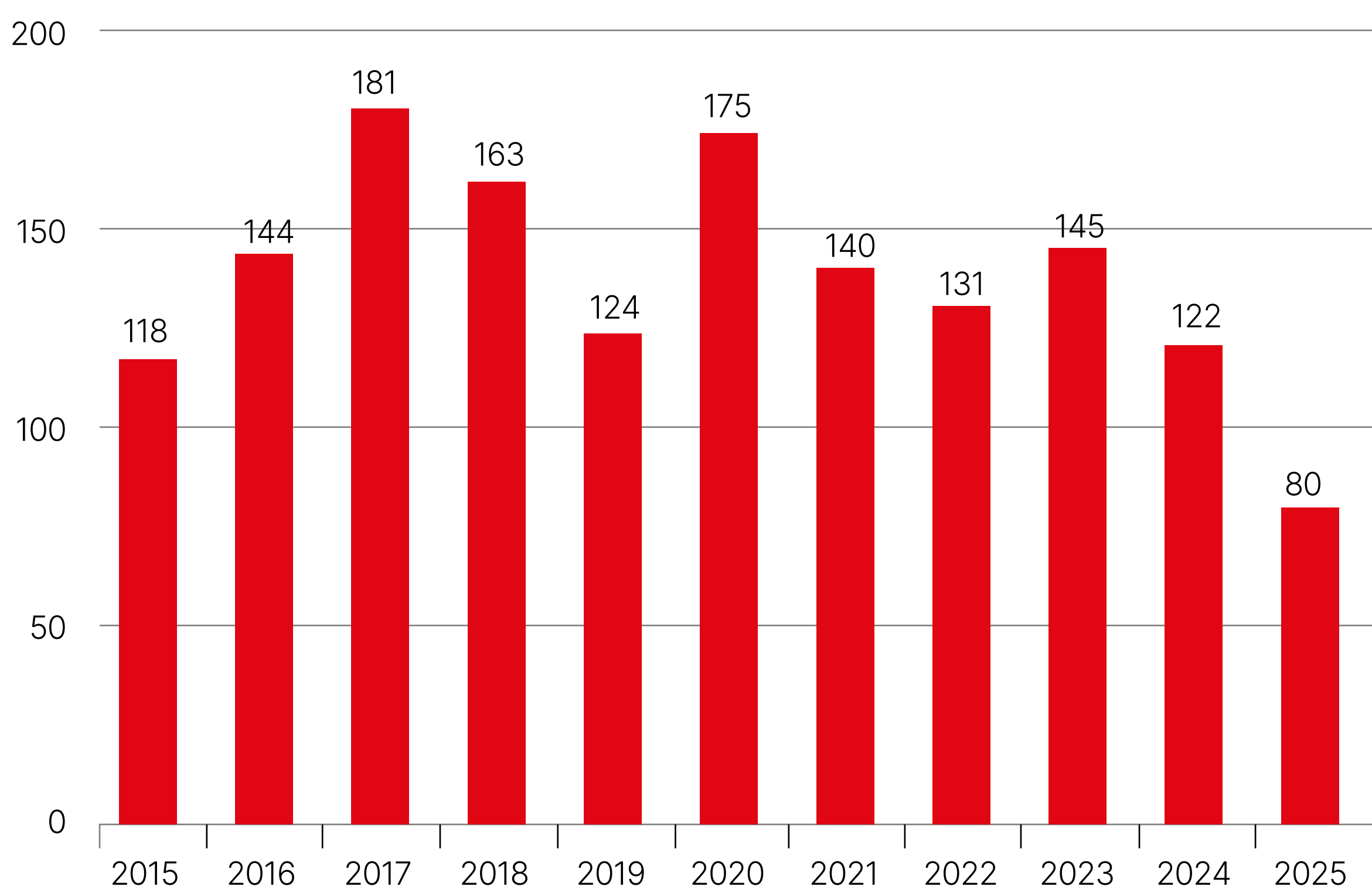
O dia 29 de janeiro foi o Dia Nacional da Visibilidade Trans. Devemos comemorar nossa existência e resistência, mas, junto a isso, nos questionarmos e nos revoltarmos. De acordo com o relatório de 2025 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), o Brasil continuou sendo o país que mais mata pessoas trans: pelo menos 80 mortes foram registradas ano passado.

O número apresenta uma queda de 34,4% em relação às 122 mortes contabilizadas em 2024. Apesar disso, o estudo mantém o Brasil pelo décimo sétimo ano consecutivo como o país mais perigoso para a população trans em todo o mundo.

De acordo com o dossiê, a vítima mais nova tinha treze anos. O perfil das vítimas é majoritariamente de “jovens trans negras, empobrecidas, nordestinas e assassinadas em espaços públicos, com requintes de crueldade”. Ceará e Minas Gerais registraram o maior número de mortes: oito em cada estado.

É importante assinalar: este país, o que mais mata pessoas trans, é, ao mesmo tempo, o que mais consome pornografia de pessoas trans. Neste recorte social, encontramos a maior parte das pessoas trans entre a classe trabalhadora pauperizada, vivendo nas ruas, na miséria e muitas vezes na prostituição.

Contudo, uma pequena parcela consegue ascender, ter condições melhores de vida, entrar em universidades públicas com acesso à educação gratuita e de qualidade. As cotas para pessoas trans auxiliam muito que isso seja possível e possamos ocupar esses espaços que, por tanto tempo e até hoje, nos ostracizam.



Fonte: Antra

VIDAS TRANS IMPORTAM!

Nos deparamos atualmente com uma conjuntura nacional e internacional que torna cada vez mais a mera existência de pessoas trans em pânico moral e, inclusive, em bode expiatório para que políticos da extrema direita se desvencilhem de dar resposta aos problemas reais e concretos do povo.

As crises cíclicas do modo de produção capitalista, que levam a população trabalhadora mais e mais à miséria, à fome e ao desemprego, assim como os problemas econômicos e políticos, são ocultados pelo pânico moral que se faz de pessoas trans entrando em banheiros públicos. Outro exemplo disso se revela ocultamente na questão das cotas antes citada.

Em várias universidades do Brasil, estudantes protestam e reivindicam pelas cotas trans. Na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), por exemplo, desde o começo do ano passado, está sendo travada uma luta entre o movimento estudantil e os setores reacionários da representação docente no Conselho Universitário (Consuni) para que seja aprovada uma resolução de ampliação de todas as cotas, a qual está sendo até agora adiada. A situação da Udesc só piora esse ano, agora que o governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL), sancionou um projeto de lei que proíbe as cotas raciais e outros tipos de ações afirmativas nas demais instituições estaduais.

Vivemos em uma sociedade que busca de forma permanente nos colocar sem acesso a direitos e aos mesmos espaços que pessoas cisgêneras. Hoje, isso está sendo remediado pelas cotas. Está longe de ser o suficiente, mas é uma conquista

parcial, o atendimento de uma necessidade imediata, que torna possível a transição para a conquista de necessidades históricas, não apenas para a comunidade trans, mas para toda a classe trabalhadora em seu conjunto.

ATAQUES DENTRO DO MOVIMENTO

Todavia, os ataques às pessoas trans não vêm apenas da extrema direita. Setores que se reivindicam de esquerda dentro do movimento LGBTI+ também nos atacam e nos excluem. Um exemplo disso é a execrável Aliança LGB, que abertamente rejeita as pautas e a luta de pessoas trans.

Estes setores geralmente justificam sua transfobia por não considerarem a questão da identidade de gênero como um problema real, utilizando, desse modo, um materialismo vulgar, distorcido. Não é preciso ser um profundo conhecedor da literatura marxista para saber que Marx considerava as relações sociais – e nisso entram os papéis de gênero – também sob a ótica materialista. Para ele, as demais relações sociais constituem um tipo específico de relação e, por isso mesmo, são não apenas sociais, como também históricas, por estarem circunscritas sempre dentro de um contexto histórico, social e político.

Com uma pesquisa básica – o que a Aliança LGB parece ser incapaz de fazer –, é possível ter conhecimento sobre diversas comunidades e povos do passado que tinham noções igualmente diversas sobre os papéis de gênero, em muitos casos até possuindo mais de dois gêneros na composição de suas sociedades. Agora, para quem quiser alegar que “apenas o sexo biológico consta”, é

conveniente lembrar da existência de pessoas intersexo e com outros tipos de variações de cromossomos.

Tendo em vista todos esses aspectos e todas as lutas que estamos e havemos de travar, é importante se perguntar: que tipo de visibilidade queremos?

A VISIBILIDADE QUE QUEREMOS!

Ora, já sabemos o que não queremos. Não queremos ser assassinadas. Não queremos ser sexualizadas e descartadas logo em seguida. Não queremos ser excluídas de espaços que todas da classe trabalhadora deveriam ter o direito de ocupar.

O que nós queremos é que parem de nos matar. Que parem de nos tratar como objetos sexuais. Que tenhamos acesso a saúde, moradia e educação de qualidade. Que iniciativas como o Ambulatório Trans parem de ser negligenciadas e sucateadas pelos governos. Que haja cotas trans em todas as universidades do país e, onde já houver, que sejam ampliadas!

Entretanto, acima de tudo, o que queremos é a derrubada do modo de produção capitalista, o qual instrumentaliza as opressões que sofremos para sua própria manutenção, propagando e expandindo a exploração da classe trabalhadora. Queremos a construção de uma sociedade socialista, com a classe trabalhadora e oprimida no poder, para extinguir as classes, as fronteiras, as desigualdades sociais e as opressões, e onde poderemos finalmente desenvolver nossas individualidades em sua plenitude, ao mesmo tempo em que

construiremos, de forma coletiva e organizada, a nova sociedade.

PARTICIPE

Coletivo Revida realiza plenária nacional no sábado, dia 7

No sábado, 7 de fevereiro, o coletivo LGBTI+ Revida convida a todas e todos para a Plenária Nacional de debates sobre a visibilidade trans, a conjuntura atual da comunidade trans e as batalhas a travar.

A plenária será on-line, a partir das 14h. Para participar, preencha o formulário aqui. ■

PARTICIPE

CLIQUE AQUI



Foto: Reprodução

COTAS

PL Anticotas em Santa Catarina: uma ofensiva racista a serviço da extrema direita



RAY MARIA,
DE FLORIANÓPOLIS (SC)



O governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL) — Reprodução/Eduardo Valente /SECOM

No final de 2025, a Assembleia Legislativa de Santa Catarina (Alesc) aprovou o infame Projeto de Lei Anticotas, criado pelo deputado Alex Brasil (PL), com o objetivo de proibir as cotas raciais, assim como outros tipos de políticas de ações afirmativas, para todas as instituições estaduais, sujeitando-as a multas caso não retirem essas políticas.

Vários movimentos e partidos protestaram contra o projeto, incluindo o PSTU, que levantou a palavra de ordem “Abaixo o PL Anticotas!”. Mesmo com as manifestações ocorrendo em municípios de Santa Catarina, o governador do estado, Jorginho Mello (PL), sancionou o projeto.

O principal argumento contra o projeto, num primeiro momento, foi de que ele contraria a Lei das Cotas presente na legislação federal. No entanto, o contra-argumento lançado foi de que a Lei das Cotas se aplica apenas às instituições federais. Tomando isso como verdade, de todo modo, é possível utilizar a nosso favor vários artigos da Constituição brasileira que se chocam diretamente com o projeto, como por exemplo, o Artigo 23:

“É competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios:

[...]

X – combater as causas da pobreza e os fatores de marginalização, promovendo a integração social dos setores desfavorecidos;

[...]”

Agora vem a pergunta: as causas da pobreza, os fatores que provocam marginalização e o surgimento de setores desfavorecidos na sociedade não se conectam de nenhuma maneira com a questão das opressões contra pessoas pretas, indígenas, com deficiência, trans etc.?

Ora, em matéria do G1 publicada em 2024, temos um vislumbre da resposta:

“O estudo divulgado pelo IBGE revela uma discrepância alarmante nos índices de acesso ao ensino superior entre brancos e pretos e pardos. Enquanto 29,5% dos jovens brancos entre 18 e 24 anos estão matriculados em graduação, com 6,5% já formados, os números para pretos e pardos são extremamente mais baixos: apenas 16,4% cursam o ensino superior e apenas 2,9% são graduados.”

Indo além, podemos saltar para fevereiro de 2025, quando uma matéria do G1 escrita por Paula Paiva Paulo assinala: “Os números mostram que a parcela de brancos com ensino superior é mais que o dobro das de pretos e pardos. Há 20 anos, era quase o quántuplo”. É válido dizer que, para o quántuplo se tornar “mais que o dobro”, o que indica uma evidente redução, a política de cotas ofereceu contribuição, apesar de, se tomada de forma isolada, não ser suficiente.

Vale ainda acrescentar que o vestibular jamais se tratou de inteligência ou mérito, mas simplesmente de quais setores da sociedade tiveram acesso a uma boa educação ou não, o quánto bem estruturados eram seus ambientes escolares e familiares etc. Ironicamente, para quem acusa os cotistas de não serem tão capazes quanto os não cotistas, os dados mais recentes do Censo da Educação Superior apontam que o desempenho de cotistas nas universidades se igualam ou superam o de quem não utiliza a política de cotas.

Contudo, denúncias ao Tribunal de Justiça de Santa Catarina (TJSC) chegaram por parte de muitos movimentos e organizações, assim como houve a intensificação dos protestos. No dia 27 de janeiro, o projeto de lei foi vetado.

Apesar de insuficiente, as cotas reduziram a diferença entre a população negra e a branca com ensino superior

BASTA DE RACISMO E XENOFOBIA

Como se a própria lei já não fosse absurda o suficiente, o governador do estado de Santa Catarina tentou se justificar afirmando que sancionou o projeto porque a região teria a maior população branca do país (81,5% dos habitantes, de acordo com o documento) e que o estado teria a quinta menor desigualdade percentual de renda entre brancos e pretos ou pardos no país.

Maioria branca não elimina a discriminação racial. As ações afirmativas não existem por causa da proporção numérica de uma população, mas sim devido a desigualdades históricas e estruturais. Isso é, em suma, ignorar completamente o componente racial da desigualdade existente. Pessoas negras e indígenas sofrem barreiras e discriminação mesmo quando têm a mesma renda e escolaridade que pessoas brancas.

A suspensão desse projeto de lei racista é uma vitória, mas não podemos esquecer jamais que isso foi devido à enorme pressão dos movimentos populares. Instituições burguesas como o TJSC e o Supremo Tribunal Federal (STF) são indissociáveis dos interesses das grandes elites.

Acima de tudo, é imprescindível apontar para o pano de fundo de toda essa situação: as eleições se aproximam. Jorginho Mello (PL) tentou implementar uma lei que seria obviamente vetada com objetivo de chamar a atenção, agradar os setores conservadores e reacionários de Santa Catarina e se reeleger. Parlamentares do PT e do PSOL, por sua vez, vangloriam-se como os grandes responsáveis pelo veto da lei, com objetivo de, mais uma vez, instrumentalizar a questão das cotas em

sua propaganda eleitoral para, assim, se reelegerem.

Ao mesmo tempo, continuarão com a boa e velha capitulação a setores da grande burguesia sem jamais se arriscar a atingir o coração da besta, a estrutura do modo de produção capitalista, a qual nos leva inevitavelmente a cada vez mais desigualdade social e opressão, que é, por sua vez, um dos pilares de sustentação deste inescrupuloso sistema.



Marcello Casal Jr. | Agência Brasil

A política de cotas é uma conquista parcial, o atendimento de uma necessidade imediata, que torna possível a transição para a conquista de necessidades históricas, não apenas para os setores marginalizados e oprimidos, mas para toda a classe trabalhadora em seu conjunto.

Jorginho Mello é inimigo do povo negro e indígena! Basta de racismo e xenofobia!

Pela ampliação das cotas em Santa Catarina e demais estados!

Em defesa do acesso de toda a classe trabalhadora ao ensino público e de qualidade! ■

IRÃ

“Um grito de dignidade: o que se pedia não era só econômico, os manifestantes sabiam que a miséria era causada pela política”



FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)



Manifestações no Irã. Fonte: reprodução

No dia 28 de dezembro, uma série de protestos populares tomou conta do Irã. Após o corte das comunicações e de uma série de massacres em várias cidades nos dias 8 e 9 de janeiro, os protestos se reduziram. Confira uma parte da entrevista com a artista e jurista iraniana Khazar para a CSP-Conlutas, na qual se debateu a questão iraniana sob a ótica da classe trabalhadora.

FÁBIO BOSCO: QUAIS SÃO AS RAZÕES PARA OS PROTESTOS POPULARES NO IRÃ?

Khazar: Queria deixar dois pontos muito claros. O primeiro é que sou iraniana e falo desde este ponto de vista. Tenho formação em Direito e sou atriz, mas de jeito nenhum me considero uma especialista no tema; minha especialidade é o envolvimento pessoal e o que acompanho de perto. O segundo ponto é que falar sobre um protesto isolado é perigoso, porque parece que é a primeira vez que algo acontece. Isso é um efeito da distância.

Sobre os protestos de janeiro de 2026: é verdade que começaram dentro do Bazar de Teerã, o grande mercado da capital. Mas, dentro de uma teocracia e de um regime autoritário, nada é apenas uma coisa só. Nem em 2022, nos protestos “Mulher, Vida e Liberdade”, tudo era apenas sobre o véu nem hoje tudo é apenas sobre economia. O Bazar é um setor que raramente se manifesta; tradicionalmente, é considerado um aliado do regime. Desta vez, foi o setor de importação – aparelhos eletrônicos e celulares – que se moveu. Muito rapidamente, os slogans já miravam o Líder Supremo, Ali Khamenei e foram para as cidades periféricas, cidades pequenas e longe do centro, inclusive de algumas etnias. Os curdos, por exemplo, que estão sempre presentes, demoraram um pouco mais para entrar através de seus principais partidos, mas as cidades eram locais que já haviam sofrido muito durante a guerra com o Iraque. Eram cidades com taxas de pobreza muito altas e muito tradicionais.

A questão parecia puramente econômica, mas se criou uma imagem incrível em uma noite na cidade de Ilam, que é uma cidade etnicamente

mista com grande presença curda, as pessoas invadiram uma rede de supermercados ligada às forças paramilitares da Guarda Revolucionária. Elas pegaram pacotes de arroz e, em vez de roubarem para comer, abriram os sacos e jogaram o arroz para o alto. Foi um grito de dignidade. Parecia que estava nevando arroz. Ficou claro que o que se pedia não era apenas econômico; os manifestantes sabiam que a miséria era causada pela política.

APESAR DE TER HAVIDO REPRESSÃO DESDE O INÍCIO, VÁRIAS ORGANIZAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS DENUNCIAM QUE, A PARTIR DO DIA 8, HOUE UMA REPRESSÃO ORGANIZADA COM CORTE DE COMUNICAÇÕES, EXECUÇÕES E MASSACRES EM VÁRIOS PONTOS DO PAÍS. SEI QUE HÁ DIFICULDADE PARA TERMOS INFORMAÇÕES PRECISAS, MAS QUERIA QUE VOCÊ NOS CONTASSE O QUE SABE SOBRE COMO FOI ESSE PROCESSO.

Tenho muito medo de falar em números, pois pode parecer sensacionalista na ausência de mídia livre. Mas hoje vi uma notícia de um centro de Direitos Humanos no Irã dizendo que os números são certamente maiores do que as estimativas de 12 mil, 16 mil ou 20 mil mortos. Para não nos surpreendermos, precisamos lembrar que, apenas no ano de 2025, o regime iraniano enforcou 1.500 pessoas. Governar pela violência não acontece apenas pontualmente em crises; o regime sente-se ameaçado o tempo todo. Essa ameaça contínua justifica as mortes, que ocorrem com recortes de classe e etnia. Os maiores números de vítimas são de pessoas baluchis, árabes e curdas. Acredita-se que esses corpos chamam menos atenção e viram apenas estatística. Um dos nossos deveres na diáspora

é catalogar esses nomes. Desde o Novembro Sangrento, de 2019, eles nunca mataram tanto na rua quanto agora.



Khazar. Fonte: Arquivo Pessoal

Ao governar pela violência, o regime se sente ameaçado o tempo todo.

VOCÊ CITOU A REVOLUÇÃO DE 1979 COMO “REVOLUÇÃO ISLÂMICA”. EU PREFIRO A DEFINIÇÃO DO HISTORIADOR ERVAND ABRAHAMIAN, QUE RELATA QUE A REVOLUÇÃO TEVE DOIS COMPONENTES: UM DE ESQUERDA/ESTUDANTIL E UM CLERICAL/BAZARII. COMO QUEM VENCEU FOI O COMPONENTE DO CLERO, A ESQUERDA DESAPARECEU. NO BRASIL, AS PESSOAS NÃO FAZEM IDEIA DE QUE EXISTIU UMA ESQUERDA IRANIANA INFLUENTE. O QUE VOCÊ PODE CONTAR SOBRE ISSO?

Uso o termo “Revolução Islâmica” porque é o nome que o regime deu às suas instituições,

como o Tribunal Revolucionário. Essa revolução como instituição matou absolutamente todos os seus filhos. Mesmo quem veio no mesmo avião que Khomeini de Paris para Teerã foi eliminado. Houve, sim, uma grande presença da esquerda de muitos campos. O Partido Tudeh, o mais clássico, criou-se dentro da elite intelectual que estudou no exterior e voltou socialista. O Tudeh serviu de modelo organizacional para todos os que criaram partidos depois, inclusive os partidos do próprio regime. É um fato histórico que ninguém pode negar.

Outro fato histórico é que, mesmo às vésperas da revolução de [19]79, o Partido Tudeh, após sofrer muita opressão e exílio, não possuía tantos membros e não era tão popular entre os jovens quanto outros partidos de esquerda da época. O Mujahedin-e-Khalq, por exemplo, era extremamente popular entre adolescentes e jovens.

No entanto, desde a sua fundação no início do reinado de Reza Xá Pahlavi, o Tudeh era o “corpo cultural” do país. Você não consegue nomear quase nenhum poeta, autor, fundador de teatro ou ator daquela época que não fosse membro ou simpatizante do Partido Tudeh.

Com o tempo, surgiram outros partidos muito mais radicais e mais afastados da União Soviética que o Tudeh, mas ele serviu como o grande exemplo de estética e organização da esquerda até o golpe contra Mossadegh (1953). Inclusive, foi um setor do Tudeh, infiltrado no exército, que denunciou a primeira tentativa de golpe, permitindo que ela fosse anulada. Após o

sucesso do golpe posterior, eles foram duramente reprimidos, houve execuções em massa e os sobreviventes fugiram para União Soviética, Paquistão e Afeganistão.

Durante quase todo o reinado Pahlavi, os membros do maior partido de esquerda estavam no exílio. Os outros partidos, como o Fadaian, viviam sob constante ameaça. O regime Pahlavi era uma ditadura de fachada liberal: você só tinha problemas se tivesse envolvimento político, o que na época quase sempre significava ser de esquerda. Quem tinha liberdade de organização eram as mesquitas e os religiosos.

Recentemente, saiu um relato de um ex-diretor da SAVAK (o serviço secreto do Xá) afirmando que eles investiram na publicação dos livros de Khomeini na época, pois acreditavam que ele serviria para contrabalancear e tirar o poder da esquerda. O que não calcularam é que, na ausência de qualquer outra oposição, ele se tornaria a única alternativa séria. Quando o mandaram para o exílio, o poder do xiismo serviu como um unificador: mesmo de longe, sua influência chegava através dos aiatolás que traziam seus recados para dentro do país.

Aconteceu o que ninguém imaginava: quando Khomeini chegou ao aeroporto, muitos não sabiam que aquilo se tornaria uma “Revolução Islâmica”. Minha mãe, como uma jovem revolucionária contra o Xá, conta que só percebeu que a revolução não era mais “deles” durante o discurso de Khomeini no cemitério de Teerã, logo no primeiro dia.

O processo foi gradual até que, em 1980, anunciaram que o véu seria obrigatório em prédios públicos e instituições. Muitas mulheres de classe média e média alta protestaram durante a semana do 8 de Março. Infelizmente, o corpo da esquerda dizia que aquilo era um “atentado à revolução”, um tema de “classe média alta” que não afetava a mulher trabalhadora. Aquela manifestação foi oprimida com a colaboração da esquerda. Por isso, os protestos de 2022 foram também um grande mea culpa e uma reparação histórica dos sobreviventes da esquerda às mulheres de 1980, que foram isoladas e esquecidas. É como a fala de Brecht: pensaram que a opressão não era com eles, até que ela chegou na casa de todo mundo.

Mesmo os membros do Tudeh presos após [19]79 acreditavam em um “mal-entendido” e que seriam libertados por serem aliados da revolução. Há relatos de que, mesmo após as primeiras execuções, alguns ainda diziam que eram apenas rumores. É uma tragédia anunciada que espero que sirva de lição para a esquerda no resto do mundo.

Os protestos de 2022 foram também um grande mea culpa da esquerda iraniana, que se colocou contra a mobilização das mulheres contra a imposição do véu em 1980.

ANTES DE MORRER, KHOMEINI EMITIU UMA FATWA ORIENTANDO A EXECUÇÃO DE TODAS AS PESSOAS DE ESQUERDA PRESAS. HISTORIADORES E ORGANIZAÇÕES DE DIREITOS HUMANOS AFIRMAM QUE CERCA DE 5 MIL PESSOAS FORAM EXECUTADAS SUMARIAMENTE EM 1988. GOSTARIA QUE VOCÊ FALASSE SOBRE ISSO E SOBRE O MOVIMENTO DAS FAMÍLIAS DE KHAVARAN, O CEMITÉRIO ONDE FORAM LOCALIZADOS CORPOS DESSAS PESSOAS EXECUTADAS.

Dizem que quando Khomeini entendeu que seu câncer estava avançado, decidiu resolver três pontos: encerrar a guerra Irã-Iraque, definir seu substituto (expulsando o aiatolá Montazeri, que criticava o poder excessivo do Líder Supremo) e eliminar os presos políticos. Ele sabia que ninguém depois dele teria autoridade para lidar com isso.

Ele estabeleceu uma pergunta administrativa de caráter religioso: “Você é muçulmano ou comunista?”. Na linguagem teocrática, ser comunista significa “estar em guerra contra Deus”, o que acarreta pena de morte. Isso foi uma segunda onda de execuções.

Falo agora como família de sobreviventes. Durante um verão, logo após bombardeios em Teerã, as prisões foram isoladas. Cortaram visitas e dividiram as celas para impedir qualquer comunicação. Os presos, de olhos vendados, eram levados a uma mesa onde clérigos faziam a pergunta. Quem respondia que não era muçulmano era levado ao enforcamento. As famílias não sabiam de nada. Pouquíssimos conseguiram uma última ligação para se despedir.

O movimento de Khavaran começou quando se soube de um terreno afastado em Teerã, próximo a um cemitério de praticantes da fé Bahá'í (também perseguidos). Um padre teria avisado familiares que caminhões chegavam à noite para enterrar corpos em valas comuns. Os familiares foram ao local, cavaram com as próprias mãos e acharam os corpos de seus entes queridos, ainda com suas roupas e objetos. Tiraram fotos para provar ao mundo antes de enterrá-los novamente.

Até hoje o Estado não assume o massacre. Nenhuma certidão de óbito traz a causa da morte, e as cerimônias são proibidas. O terreno de Khavaran parece um deserto, com algumas pedras marcando onde estão os corpos. Os familiares se juntam em datas específicas para cantar e colocar flores, mas a polícia frequentemente fecha os portões.

TRUMP AMEAÇOU ATACAR O IRÃ ALEGANDO PREOCUPAÇÃO COM AS EXECUÇÕES DE MANIFESTANTES, O QUE SOA ESTRANHO VINDO DELE. SABEMOS QUE O INTERESSE IMPERIALISTA NUNCA É HUMANITÁRIO OU SOBRE LIBERDADES DEMOCRÁTICAS. QUAL A OPINIÃO DO POVO IRANIANO SOBRE ESSAS AGENDAS EXTERNAS E INTERVENÇÕES MILITARES?

Meu posicionamento sobre intervenção militar é um “não” categórico. Ainda no contexto iraniano, temos um Estado extremamente militarizado. Meu posicionamento não é baseado na ideia de que morre mais gente em uma guerra do que sob o regime iraniano; afinal, certamente morrem muito mais pessoas sob o regime atual do que em uma guerra contra um governo estrangeiro.

Minha posição é contra a intervenção militar porque ela nunca será humanitária; será motivada por interesses econômicos e geopolíticos.

Além disso, com figuras como Trump, não há certeza de que o regime seria removido. Já imaginou o filho de Khamenei ou o ex-presidente Rouhani, que fazem parte da oligarquia, chegando ao poder? Seria trocar seis por meia dúzia. O paralelo com a Venezuela também não é preciso; o regime iraniano é muito diferente, atuando como o último do eixo de resistência xiita. Desta vez, parece que a intervenção militar só não ocorreu porque os países vizinhos árabes (sunitas) se opuseram.

A intervenção militar não faz parte dos projetos que apoio. Não escolho entre extremas direitas, sejam elas “islamofascistas”, sejam “comerciantes americanos”. Pela primeira vez, calculo quantos corpos precisam cair para que haja mudança. Nosso posicionamento ético deve olhar para os rostos de quem morre em cada levante. Se o único jeito de sobreviver é morrer, isso não pode ser uma posição aceitável, especialmente vinda de mim, que estou na diáspora.

O regime iraniano se diz anti-imperialista num dia, mas no outro se une aos EUA para combater o Daesh ou vira amigo do Talibã. Eles não têm posição fixa; fazem qualquer coisa para se manter no poder. Se tivessem certeza de que uma aliança com Trump os manteria no poder, eles a fariam.

Quem morre sob esse regime? Não sou eu, que apesar da opressão, ainda tenho privilégios. Quem morre é a classe trabalhadora: o menino de chinelo que sai do trabalho para a rua; o trabalhador da farmácia; o operário árabe; o curdo que morre congelado nas montanhas entre o Iraque e o Irã fugindo de tiros; ou o baluchi (existe quase um milhão deles sem certidão de nascimento) que vive do tráfico de gasolina para não passar fome.

A Mahsa Amini ficou conhecida assim, mas seu nome curdo era Jina. O regime obriga meninas curdas a terem nomes persas e proíbe línguas regionais nas escolas. É um regime fascista contra etnias, imperialista na região e capitalista no mundo. A esquerda que defende esse regime fora do Irã deveria saber: se vocês fizessem uma greve de motoboys ou um protesto trabalhista em Teerã, o regime atiraria em vocês.■

O regime iraniano se diz anti-imperialista num dia, mas no outro se une aos EUA para combater o Daesh ou vira amigo do Talibã.

**Leia entrevista completa no Portal do
Opinião Socialista**

CLIQUE AQUI

PALESTINA

Solidariedade e resistência contra o conselho de paz dos cemitérios de Trump



SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)



Netanyahu e Trump

Com o lançamento de seu Conselho de Paz no Fórum Econômico Mundial de Davos, em 22 de janeiro, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, tenta tirar do papel seu projeto acalentado há tempos e divulgado sem constrangimento, em fevereiro de 2025, de constituir a Riviera do Oriente Médio em Gaza. Na dor do povo palestino diante de um genocídio que segue, aos olhos do mundo, vislumbra a oportunidade de estabelecer seu resort de luxo, ao mesmo tempo que dá carta branca a Israel, enclave militar do imperialismo, para dar cabo à solução final na contínua Nakba – a catástrofe palestina que dura quase 78 anos.

Assim, o tal conselho de paz dos cemitérios busca a erradicação da cultura, do patrimônio histórico, da memória e da identidade palestinas a partir de Gaza. Na terraplanagem para o levantamento de torres luxuosas, ao mesmo tempo, poria fim às evidências do genocídio que já matou pelo menos 71 mil palestinos, dos quais mais de 20 mil eram crianças, e destruiu 90% da infraestrutura de Gaza. A cena futura, com o plano de Trump, é retratada em “Praia de Gaza 2030”, do cartunista Peter de Wit, em que um casal toma sol em praia paradisíaca enquanto o filho pequeno alegremente desenterra crânios na areia. A obra foi agraciada em 2025 com o prêmio anual de melhor charge política na Holanda.

NAÇÕES UNIDAS DE TRUMP

Ao transformar a Palestina em laboratório do mundo, esse conselho pode repetir o feito em qualquer parte do mundo, no tabuleiro do banco imobiliário em que Trump transforma o globo. O imperialismo central, sem máscara nem mediação, explicita sua cara feia, sob a megalomania do líder da extrema direita.

Emblemático é o fato de o conselho, em nenhum momento, em sua carta de fundação, mencionar o povo palestino, a Faixa de Gaza ou a Palestina, mas evidenciar que seria um organismo internacional para atuar em “áreas afetadas ou ameaçadas por conflitos”.

Trump fez questão de atestar isso em seu discurso de lançamento em Davos, ao afirmar que sua abrangência poderia abarcar outros “assuntos mundiais”. Ele declarou na ocasião: “Quando esse conselho estiver completamente formado,

podemos fazer praticamente tudo o que quisermos”.

Embora tenha dito que atuaria em conjunto com a Organização das Nações Unidas, tratou premeditadamente de sair de 66 organismos internacionais – 31 deles vinculados à ONU. Ao buscar enfraquecê-la e aprofundar sua falta de credibilidade para justificar seu plano sujo de formação do conselho, Trump, de maneira hipócrita, critica a incapacidade das Nações Unidas em resolver conflitos.

A ONU manteve o gene da Liga das Nações ao dar lugar a ela no pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – no pensamento de Lênin, a Liga das Nações era um “covil de bandidos” onde as potências imperialistas se reuniam para compartilhar o butim oriundo dos seus projetos coloniais e agressões. A estrutura da ONU, criada oficialmente em 24 de outubro de 1945, atende aos marcos de manutenção da ordem internacional capitalista.

Vale lembrar que já em sua segunda Assembleia Geral, em 29 de novembro de 1947, a ONU recomendou a partilha da Palestina em um Estado judeu (56,5%) e um árabe (42,9%), e a manutenção de Jerusalém sob administração internacional (0,6%), delegando ao projeto colonial sionista mais de metade das terras palestinas, sem consulta aos palestinos, os habitantes originários.

Foi um sinal verde para que as gangues paramilitares sionistas, fortemente armadas sobretudo pela União Soviética de Stálin via Tchecoslováquia, colocassem em prática seu

plano de limpeza étnica da Palestina – cuja fase mais agressiva se iniciou doze dias após a recomendação de partilha pela ONU. O resultado foi a pedra fundamental da Nakba – a formação do Estado racista e colonial de Israel em 78% da Palestina histórica, sobre os corpos palestinos e os escombros de suas aldeias.

O que obviamente Trump omite é que os EUA têm contribuição decisiva em manter a inefetividade da ONU que critica. Somente em relação ao genocídio em Gaza, vetaram o cessar-fogo no Conselho de Segurança por seis vezes, a última em setembro de 2025.

Os outros quatro estados nacionais que dividem com os EUA o status de membros permanentes nesse fórum deliberativo privilegiado e podem exercer direito de veto dentro da ONU não ficam atrás. São eles: França, Reino Unido, China e Rússia.

Os dois últimos se abstiveram na votação no Conselho de Segurança em 17 de novembro de 2025, do plano de Trump para Gaza – um ultimato à resistência palestina isolada e criminalizada pela propaganda de guerra sionista-imperialista, para que bombas massivas parassem de cair sobre as cabeças de seu povo, sobretudo de crianças e mulheres.

Uma falsa negociação “entre a espada e o pescoço”, parafraseando a resposta dada pelo revolucionário palestino marxista Ghasan Kanafani em famosa entrevista ao jornalista australiano Richard Carleton, em 1970, sobre por que não dialogar com israelenses.

O conselho de paz dos cemitérios é consequência desse acordo. O plano de Trump prevê sua constituição na segunda fase do falacioso cessar-fogo. A desmilitarização da resistência, parte desse plano macabro, é apoiada inclusive pela ONU, ao arrepio do direito internacional e contrariando suas próprias resoluções que garantem o direito de resistência, por todos os meios, aos povos sob colonização.

Em reunião do Conselho de Segurança, no dia 28 de janeiro, que debateu a implementação da segunda fase do plano de Trump, o vice-coordenador especial da ONU para o Processo de Paz no Oriente Médio, Ramiz Alakbarov, declarou que esta seria uma etapa crucial para consolidação do cessar-fogo. Afirmou ainda que as Nações Unidas estão prontas a colaborar com o Comitê de Administração dos tecnocratas palestinos, parte do tal conselho de Trump.

GENOCÍDIO CONTINUA

A farsa do cessar-fogo

Iniciado em 10 de outubro de 2025, o cessar-fogo é uma farsa – no dicionário sionista, “você cessa [palestino], eu atiro [sionista]”, como decifrou Francesca Albanese, relatora especial da ONU para os territórios palestinos ocupados.

De fato, o genocídio, agora sob o verniz de cessar-fogo, continua. Somente desde sua vigência em 10 de outubro do ano passado, Israel matou mais de 480 palestinos e continua a impedir a entrada previamente acordada da ajuda

humanitária – permitiu cerca de 43% do compromisso, excluindo de forma deliberada alimentos ricos em nutrientes, como carnes, vegetais e laticínios, além das casas móveis e equipamentos necessários aos palestinos para reconstruírem Gaza, diante de 90% da infraestrutura destruída pelo bombardeio massivo.

Pelo menos 23 crianças já haviam morrido congeladas diante de inundações e do inverno cortante, sem casas para se abrigar. Vírus se disseminam com rapidez, resultado da destruição de hospitais e da infraestrutura de saneamento no genocídio contínuo perpetrado pela ocupação israelense com as armas dos imperialismos europeu e, sobretudo, estadunidense.

Albanese lembrou reiteradas vezes que é obrigação legal, não favor ou caridade, que todos os estados nacionais sancionem Israel, sob o direito internacional e a Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio. Isso tem sido solenemente ignorado pela maioria.

Embora a ONU reúna um corpo de especialistas qualificados e honestos como Albanese e seja um rico repositório de documentos históricos que servem de instrumento à luta contra a opressão nacional do povo palestino, fica demonstrado que, por sua estrutura, não se deve ter ilusões de que a libertação virá das Nações Unidas. Vale observar que o organismo insiste na falsa solução de dois estados – que ainda que não fosse injusta desde sempre por não contemplar a totalidade do povo palestino, inclusive metade refugiada e na diáspora, já está morta e enterrada diante da expansão colonial agressiva.

Por óbvio, a ONU paralela de Trump se dá às margens até do direito internacional, premiando Israel. Trata-se de um balcão de negócios, em que, inclusive para que os estados nacionais tenham assento permanente, Trump cobra US\$ 1 bilhão no primeiro ano.



Destroços na Faixa de Gaza. Fonte: reprodução

PACIFICAÇÃO NUNCA FOI PAZ

Enquanto as imagens do sofrimento palestino são assistidas nas redes sociais, Trump busca dar ares de pacificação para vender a ideia de que alcançou a paz e, assim, entregar Gaza a magnatas para construírem seu resort de luxo. Pacificação é silenciar a resistência e controlar o povo oprimido, muito diferente da tal aclamada paz – que exigiria antes justiça e libertação. “Paz sem voz não é paz, é medo”, como lembram os versos da música “Minha alma (A paz que eu não quero)”, da banda “O Rappa”.

As imagens apresentadas pelo genro de Trump, Jared Kushner, ao lançamento do conselho em Davos vão na direção dessa pacificação e beiram a distopia: dezenas de arranha-céus de alto padrão que parecem futuristas e em nada

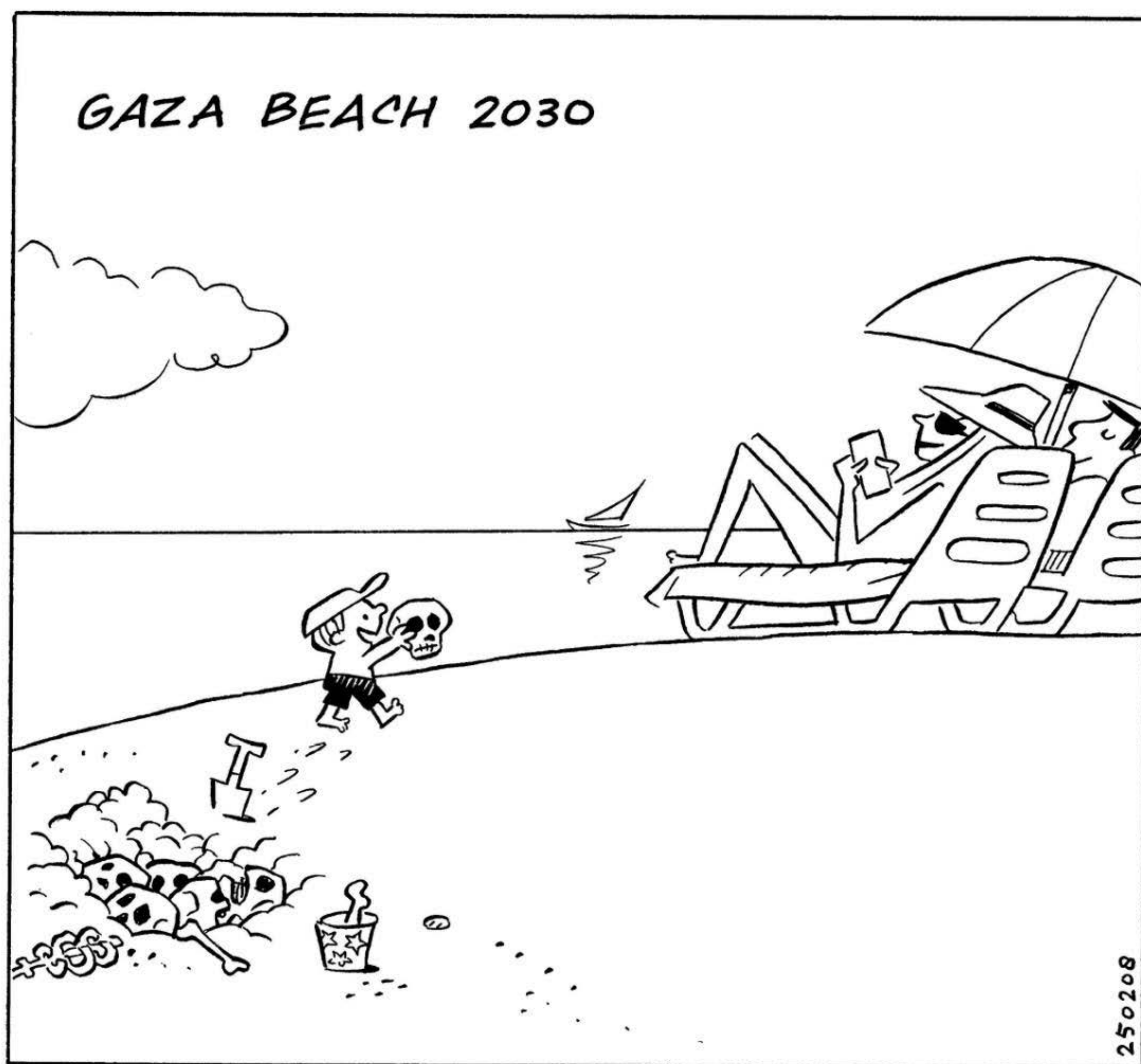
lembram Gaza – tão artificiais quanto as ilhas em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

De outro lado, está o confinamento de palestinos em áreas residenciais pré-definidas, sobretudo na região de Rafah, no sul de Gaza, para servirem de mão de obra barata no resort de Trump. Ali, Israel já começou a aplicar esse plano maligno, ao planificar a área para estabelecer o campo de concentração de milhares de palestinos – para outros milhões, o destino seria a morte ou a expulsão. A “Nova Gaza”, que abrangeria hub tecnológico conforme a intenção israelense anunciada há anos, ao modelo de Singapura, reedita, desse modo, a Nakba de 1948. Assim como naquele momento, busca-se mudar a paisagem local e promover um verdadeiro memoricídio.

Na apresentação do plano mestre ao lançamento em Davos, o ridículo se mostrou pleno quando Kushner apresentou um slide escrito em árabe, mas com a grafia invertida, e outro com homens árabes com trajes mais associados aos usados em países do Golfo. Mais uma vez ao longo da história, os palestinos são aliados do seu destino e desumanizados.

Kushner chegou a declarar as propriedades à beira-mar de Gaza como muito valiosas. Vale lembrar que o genro de Trump é considerado o arquiteto dos Acordos de Abraão no primeiro governo do presidente de extrema direita, os quais promoveram o avanço da normalização dos países árabes com Israel.

Ele também anunciou a pretensão de abertura completa do posto de fronteira de Rafah, saída e entrada inclusive para pedestres – Israel anunciou “reabertura limitada” neste 26 de janeiro. O que se revela não é preocupação humanitária com os palestinos em Gaza, mas um caminho aberto para sua expulsão compulsória – limpeza étnica.



A ESTRUTURA DO CONSELHO

Embora o tal conselho de paz tenha sido apresentado com vigência de três anos, cabe a Trump destituí-lo, e esse prazo pode ser prorrogado a seu bel-prazer. O cargo vitalício e decisões absolutas coincidem com a imagem gerada por ele há algum tempo, via inteligência artificial, de “rei dos mundos”.

Grave ainda é o fato de que seu Conselho Executivo é formado por magnatas e criminosos de guerra. Dentre os primeiros, está o bilionário israelense do setor imobiliário Yakir Gabay; dentre os últimos, o ex-primeiro-ministro britânico Tony Blair, um dos principais apoiadores da invasão dos EUA ao Iraque em 2003, propagandeando falsamente as inexistentes armas de destruição em massa como justificativa.

Abaixo disso, estaria o comitê de administração com tecnocratas palestinos, responsável por assuntos administrativos – portanto, sem nenhuma autonomia na tomada de decisões. Uma réplica mal-acabada da Autoridade Palestina, criada como gerente da ocupação a partir dos malfadados acordos de Oslo, firmados em 1993 entre a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e Israel, sob intermediação dos EUA. Acordos de Oslo que também foram vendidos ao mundo como caminho para a paz gradual, então na perspectiva de solução de dois estados.

O resultado é expansão colonial agressiva sionista, ao que genocídio, limpeza étnica e apartheid são imprescindíveis. O conselho de paz dos cemitérios consegue se apresentar como versão piorada, em que os palestinos simplesmente inexitem, a não ser como peças no tabuleiro do comitê de administração para dar ares de legitimidade.

RUPTURA DAS RELAÇÕES COM O ESTADO DE ISRAEL

Cessar a cumplicidade internacional

Os palestinos lamentavelmente enfrentam a cumplicidade internacional contínua que permite a manutenção e o avanço desse projeto racista e colonial, inclusive para além de Gaza.

Na Cisjordânia e Cidade Velha de Jerusalém, que, junto com a estreita faixa compõem os 22% do território palestino remanescente ocupados militarmente por Israel em 1967, a situação é também dramática, com limpeza étnica aprofundada. Nas áreas ocupadas em 1948, as quais hoje o mundo denomina Israel, os palestinos remanescentes da Nakba (1,9 milhão) também enfrentam o apartheid institucionalizado: convivem com 65 leis racistas, silenciamento e repressão. Nas masmorras sionistas, as torturas inomináveis, amplamente denunciadas, são regra. Algo como 10 mil presos políticos palestinos padecem nesses centros de tortura, incluindo cerca de 350 crianças e 50 mulheres. Enquanto isso, 6 milhões de palestinos vivem em campos de refugiados nos países árabes, impedidos do legítimo direito de retorno às suas terras, e outros milhares são parte da diáspora mundo afora.

GENOCÍDIO NORMALIZADO PELA COMUNIDADE INTERNACIONAL

O genocídio em Gaza deveria ter sido a gota d'água para que houvesse a urgente ruptura de relações com o Estado sionista, ao encontro da mínima obrigação legal perante o direito internacional e a Convenção para a Prevenção e Repressão do Crime de Genocídio. Infelizmente,

contudo, a maioria dos estados nacionais, inclusive o Brasil, segue com tratados e acordos militares, econômicos e diplomáticos com Israel. O genocídio do povo palestino é normalizado, em detrimento do necessário isolamento internacional do Estado genocida.

Isso vai na contramão da principal campanha de solidariedade ao povo palestino: BDS (boicote, desinvestimento e sanções) a Israel, aos moldes da campanha de boicote que ajudou a pôr fim no regime de apartheid na África do Sul nos anos 1990.

E, na contramão do direito à autodeterminação do povo palestino, suas vozes seguem a não ser ouvidas. Palestinos têm denunciado o tal conselho de paz dos cemitérios, que nada tem a ver com libertação, justiça, nem mesmo minimamente com reconstrução de Gaza. Mas isso não impediu que pelo menos 23 países, até o momento, concordassem não apenas em integrá-lo, como também em dividir esse fórum com o genocida Israel. Dentre os demais convidados – cerca de 60 ao todo –, sete europeus recusaram até agora: Alemanha, França, Itália, Espanha, Noruega, Eslovênia e Suécia.

Pressionados pela ofensiva dos EUA em relação à Groenlândia e à chantagem de Trump com as tarifas para impor sua vontade, eles temem o desmonte da ONU e do chamado multilateralismo por sua substituição pelas “Nações Unidas de Trump”.

Ou seja, tem muito menos a ver com uma consideração sobre autodeterminação do povo

palestino, o que se evidencia quando se observa que a União Europeia de conjunto se recusou a sancionar Israel e sobretudo quando se observa que cúmplices diretos do genocídio, como Alemanha, Itália e França, estão entre os que deram resposta negativa. A alegação é o formato do conselho. Esta é também a posição expressa pelo Brasil, que está entre os cerca de 60 e ainda não recusou o convite.

Em conversa por telefone com Trump, no dia 26 de janeiro, Lula pediu mudanças no conselho: que a Palestina tenha assento – leia-se Autoridade Palestina (AP) – e se limite a Gaza, sem extrapolar, portanto, sua abrangência para o resto do mundo. Se ouvisse a maioria do povo palestino, não a AP, gerente da ocupação, deveria recusar, romper todas as relações com Israel e convocar mobilizações contra o imperialismo estadunidense e em solidariedade ao povo palestino.

Este papel, contudo, está reservado à solidariedade internacional efetiva e concreta. Nas palavras de Kanafani, “a causa palestina não é apenas uma causa para os palestinos, mas para todo revolucionário, onde quer que esteja, das massas oprimidas e exploradas na nossa era”.

PALESTINA LIVRE, DO RIO AO MAR

Passou da hora de retomar as fortes mobilizações unitárias pela Palestina e abraçar a resistência heroica e histórica palestina, exemplo para todo lutador, em qualquer parte do mundo.

Se a Palestina é o laboratório do mundo, cujas armas são testadas sobre as cobaias humanas

em que Israel converte seu povo para depois promover o genocídio pobre e negro nas periferias brasileiras e extermínio indígena, a próxima Gaza pode estar muito mais perto do que se imagina. Como um chamado das ruas, “se internacionalizam a barbárie, internacionalizemos a resistência”. Não à paz dos cemitérios. Até a Palestina livre do rio ao mar!■

Pelo menos 23 países já concordaram em integrar o conselho ao lado do Estado genocida de Israel, enquanto 60 ainda não recusaram o convite por conta do formato da instituição, entre eles o Brasil.



DEBATE

Sobre a polêmica do Nêgo Bispo e os perigos da romantização de territórios ameaçados

“Pessoal do Quilombo Onça. Eles estão pressentindo confronto amanhã e estão pedindo ajuda.” (Mensagem recebida no dia 26 de janeiro)



HERTZ DIAS,
DA SECRETARIA NACIONAL DE NEGRAS E NEGROS DO PSTU



Nêgo Bispo. Fonte: Reprodução

Depois da publicação do artigo de Douglas Barros intitulado “Contra Nêgo Bispo”, uma polêmica se formou nas redes sociais envolvendo intelectuais e organizações antirracistas. Pâmela Carvalho, em seu artigo “Contra a redução epistêmica: em defesa de Nêgo Bispo e da substantividade do pensamento contracolonial”, afirmou: “Nêgo Bispo não escreveu para ser autorizado. Ele escreveu para

existir. E isso, para a modernidade colonial, é um escândalo”.

Essa foi a pegada da maioria dos defensores de Nêgo Bispo, invocar a autoridade do autor antes de focar no debate, na polêmica e na crítica. Nêgo Bispo era, antes de tudo, um crítico e, portanto, estava e está sim sujeito a críticas. Ele tem a história dele, a experiência dele, a cara metida na realidade, assim como muitos entre nós também têm, e isso, de fato, ninguém pode apagar.

Mas, não se pode colocar ninguém na apoteose de deuses incriticáveis e protegidos por telhados de vidros. Se vivo fosse, Nêgo Bispo estaria se defendendo com o mesmo tom poético e sarcástico com que sempre escreveu. No Brasil, existe uma tendência de se caracterizar toda polêmica dentro da esquerda ou dos movimentos de luta contra as opressões como se fosse desrespeito.

Mesmo que possa parecer deselegante e arrogante, Douglas Barros teve o mérito de expor seu pensamento sem melindre. Fez a polêmica expondo o pensamento do Nêgo Bispo para poder criticá-lo.

O QUE ESTÁ POR TRÁS DA CRÍTICA EUROCÊNTRICA

É preciso responder se Douglas está errado ao afirmar que Nêgo Bispo divide o mundo entre monoteístas e politeístas quando afirma no livro *A terra dá, a terra quer*: “Se deixamos o monoteísmo e adentrarmos o politeísmo, nos imunizamos?”. Nêgo Bispo dividia ou não dividia o mundo entre o que é “humano” e o que é

“orgânico”? Responder a essas perguntas, acusando o opositor de ser eurocêntrico, é responder nada.

Existe uma tendência de se idealizar a vida nesses territórios mais do que quem vive neles! Tenho essa “vivência” – palavra em moda também mais no meio acadêmico que entre os quilombolas – por ter residido e militado no maior quilombo urbano da América Latina, o Quilombo Liberdade. Amo demais esse lugar, mas confesso que não vejo esse território como um “lugar fora do mundo”. Minha dissertação de mestrado é um estudo profundo sobre a “guerra interna” na qual esse território estava metido. Vi, intervi e escrevi sobre isso. O Movimento Hip Hop Quilombo Urbano e PSTU foram as principais organizações a denunciar e enfrentar essa guerra. E isso só foi possível porque não ficamos na fronteira da idealização. Caímos para dentro da guerra.

Por isso, não vejo necessidade de mitificar os quilombos como se fossem territórios sem contradições, sem conflitos, sem disputas, sem necessidades e sem vínculo orgânico com a sociedade capitalista, como se fossem lugares de “vivências”, protegidos por barreiras contracoloniais de onde se extraem conceitos e experiências não eurocêntricas. Aliás, a maioria dos conceitos e das categorias utilizadas pelos seguidores de Nêgo Bispo foram cunhados por gente branca e/ou europeia.

O termo “cosmovisão” é do filósofo alemão Immanuel Kant. Epistemicídio, que apareceu nas falas da maioria dos críticos de Douglas Barros,

foi cunhado pelo sociólogo português Boa Ventura Santos. A “crise das metanarrativas”, para não dizer do marxismo, que aparece no artigo de Pâmela Carvalho, foi formulado pelo filósofo francês Jean Francois Lyotard em seu livro *A condição pós-moderna*. “Colonidade de poder”, de onde derivaram os conceitos de colonidade e contracolônidade, é de Aníbal Quijano. Ele não é europeu, é peruano, mas é branco e se dizia marxista. Como ficam as pessoas que reivindicam o conceito e afirmam que o marxismo é eurocêntrico?

Na verdade, Quijano é um desses “marxistas” que diziam que o marxismo havia fracassado e que, diante da “inevitabilidade da globalização”, com sua força uniformizadora, a saída seria a preservação da diversidade e dos laços de solidariedade, presentes nas comunidades pré-capitalistas. No artigo “Colonidade, Poder, Globalização e Democracia”, Quijano se volta para a confederação Helvética formada na Suíça do século XIII, onde, segundo ele, “a defesa exterior e a segurança interior são realizadas de modo direto, institucionalizado, pela comunidade”.

FHC, em *Globalização e outros temas contemporâneos*, afirma que os verdadeiros elementos da realidade brasileira, ameaçados pela globalização, seriam “uma história comum, uma herança cultural e uma trajetória coletiva”. Para Nêgo Bispo, na obra citada acima, “a humanidade está aí, não vamos matar a humanidade. Mas como vamos nos relacionar com ela? Estabelecendo fronteiras”.

Para os três, não existe saída, o capitalismo ou a globalização venceu. E, em que pese suas profundas diferenças, resta-nos remediar isso aí preservando os laços comunitários. Para FHC, isso já estaria sendo feito pelas ONGs, para Quijano estaria numa sociedade medieval e para Nêgo Bispo, nas comunidades quilombolas e indígenas.

Douglas Barros erra quando diz que o pensamento de Nêgo Bispo é produto de sua decepção com o PT. Esse tipo de pensamento, por mais honesto que seja, é o pensamento que prevalece entre a maioria das organizações políticas e antirracistas do Brasil: a falta de perspectiva e projeto para a superação do capitalismo. Por isso mesmo, o marxismo está na alça de mira de quase todos eles, bem como a idealização dos territórios afro-indígenas.

ROMANTIZAR É TAMBÉM UMA FORMA DE SILENCIAR

O mundo urbano, frio e individualista, e o mundo rural, idealizado pelas cátedras, estão mais conectados do que se pode imaginar. E não é por conceitos, categorias e saberes abstratos, mas pelo capitalismo e seu desenvolvimento desigual e combinado. Romantizá-los de modo exagerado é também uma forma de silenciá-los.

O Moquibom, principal movimento quilombola do Maranhão, foi fundado depois do assassinato de uma de suas lideranças. Seus companheiros ficaram vigiando o corpo horas a fio para que os assassinos não desfizessem a cena do crime. A luta deste movimento nasceu do luto de um dos seus pares, uma vivência escrita com sangue quilombola. Nos quilombos, acorda-se cedo,

labuta-se cedo e, de acordo com o Censo Quilombola de 2022, morre-se cedo. Muitas de suas lideranças já foram assassinadas ou estão ameaças de morte.

Em Alcântara (MA), município com mais quilombolas do Brasil, dezenas de comunidades foram expulsas para a instalação de uma base militar controlada pelos EUA. O grupo responsável por essa expulsão foi “Os 30 de Alcântara”, jovens quilombolas treinados pela Aeronáutica em São Paulo. Sabe o que significa você ser expulso do seu território por seus próprios parentes? Sabe quem estava por trás dessa vivência? Os capitalistas imperialistas! Ali ninguém precisou ler *O Capital* de Marx para entender o que é expropriação, mas se tivessem lido, certamente o ódio contra o capital poderia ter sido muito mais profundo.

Ninguém é obrigado a utilizar categorias como capital, trabalho, Estado, classe social, mais-valia, exploração e expropriação em suas elaborações. Mas fazer essa opção teórico-metodológica não livra ninguém de viver neste inferno onde tais categorias se materializam em opressão, humilhação e genocídio, principalmente em nossos territórios. Escrever nos oferece várias opções; sobreviver, não!

Romantizar territórios que estão com as suas existências ameaçadas pelo Matopiba não é um gesto de exaltação, e sim de distração em relação a essas ameaças. O Matopiba é a maior fronteira agrícola do Brasil, abrangendo os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

Esse projeto foi aprovado em 2015, no governo Dilma, que outorgou ao agronegócio o direito a roubar mais 70 milhões de hectares e passar por cima de centenas de territórios ancestrais.

Se o Matopiba não for derrotado, só sobrarão memórias a serem exaltadas. O Matopiba é o projeto capitalista mais ameaçador que esses povos estão enfrentando e, com o acordo assinado pelos países do Mercosul com a União Europeia, eleva-se à milésima potência. Um acordo que Lula assinou com toda força, e a extrema direita aplaudiu de pé.

Será difícil barrar esse projeto se não houver uma ampla aliança entre os trabalhadores do campo e da cidade. E atenção: o Quilombo-Curtume, do Nêgo Bispo, está dentro da área que o PT entregou à burguesia do Matopiba.

Mas com a energia de gente como Nêgo Bispo haveremos de vencer mais essa guerra contra o capitalismo, que, repito, é uma forma de organização social extremamente assassina e nem um pouco abstrata.

Para encerrar: a epígrafe no início do texto foi uma mensagem repassada a mim por um policial militar antirracista que acompanha o Quilombo Onça, localizado em Santa Inês (MA), que está tendo suas terras invadidas pelos parentes do prefeito Felipe dos Pneus com o apoio da própria PM. A família desse prefeito é branco-burguesa, e o roubo das terras dos quilombolas é justamente para produzir capital. ■

EDUCAÇÃO

Nem um professor sem emprego, nem um estudante sem escola!

Tarcísio combina desemprego, assédio e fechamento de salas no desmonte da educação pública



CRISTIANE BANHOL,
DE SÃO PAULO (SP)



Coletivo Reviravolta na Educação no protesto contra o desemprego em massa dos professores e o enxugamento da rede

O processo de atribuição de aulas imposto pela Secretaria de Educação do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), comandada por Renato Feder, escancarou um projeto de destruição da educação pública que não começou agora, mas se acelera de forma perigosa. Iniciada apenas duas semanas antes do início do ano letivo, a atribuição atacou professores efetivos e temporários – que já representam mais de 50% da rede – aprofundando o enxugamento da educação e uma política sistemática de assédio.

Feder impôs o chamado “farol de avaliação”, pelo qual professores que não atingiram o nível verde

podem ser eliminados das escolas por decisão da direção. Essa avaliação não tem nenhum critério pedagógico sério: professores foram punidos por falhas do próprio sistema, que computou como faltas períodos sem aulas atribuídas, por notas dadas por estudantes, por adoecimento ou por não adesão a cursos controlados pelo governo via plataformas privadas.

Apresentada de maneira hipócrita como formativa, sem nenhum tipo de devolutiva, essa política obrigou professores efetivos eliminados a deixar escolas onde lecionavam há anos. Já os contratados foram surpreendidos por uma resolução que extingue contratos e impõe punição de três anos sem poder atribuir aulas. Milhares de professores em todo o estado estão sem emprego.

Mesmo quem ficou no verde não escapou. A nova regra impôs redução compulsória de jornada de trabalho para professores efetivos que não conseguiram fechar a carga horária apenas com aulas da sua disciplina. Com menos salas, substituição de disciplinas da formação geral por itinerários formativos fakes e proibição de compor jornada com áreas correlatas, milhares tiveram seus cargos reduzidos. Ao mesmo tempo, esses mesmos professores podem ser obrigados a substituir aulas em qualquer disciplina, deixando explícito que o objetivo não é pedagógico, mas eliminar postos de trabalho.

ASSÉDIO, RODÍZIO E PRIVATIZAÇÃO

Essa política se articula ao projeto de enxugamento, plataformização e privatização da rede. O rodízio fragiliza vínculos entre professores, estudantes e comunidade, precariza condições de trabalho e

dificulta a resistência a ataques como fechamento de salas e turnos. A direção das escolas ganha o status de chefe, podendo afastar professores pela imposição das metas das plataformas privadas, ao mesmo tempo que estes perdem autonomia e são reféns dessa política, já que também são ameaçados de eliminação caso não cumpram as resoluções.

É uma evolução da meritocracia: antes, professores disputavam bônus miseráveis; agora, o prêmio é não ser eliminado – um verdadeiro Round 6 da educação.

Enquanto elimina professores com critérios arbitrários, Tarcísio investe R\$ 471 milhões em plataformas privadas de comprovada ineficiência pedagógica segundo estudo da Repu, e destina R\$ 6 bilhões a consórcios privados no leilão de 33 escolas entregues à gestão privada, além de fazer avançar a privatização da administração de outras 143 unidades na capital.

FECHAMENTO DE SALAS, EJA E EXPULSÃO DE ESTUDANTES

O principal motor da eliminação de professores é o fechamento de salas, em especial do ensino noturno e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na última década, mais de 11 mil salas noturnas foram fechadas e mais de mil escolas encerraram esse período. Quase 14% dessa queda ocorreu entre 2024 e 2025. Para 2026, o cenário tende a ser ainda mais brutal, com regiões inteiras sem oferta de ensino noturno, empurrando para fora da escola os jovens trabalhadores.

Outra barbaridade é o EJA híbrido, com um professor para cada 100 estudantes. Na Escola Estadual Mariano, da Unidade Regional de Ensino (URE) Norte 1, quase 500 alunos foram atribuídos a apenas quatro professores.

O governo também apresenta, de forma hipócrita, a expansão do Programa de Ensino Integral (PEI) como um avanço educacional. Na prática, fecha o ensino regular, impõe jornadas incompatíveis com a realidade da classe trabalhadora e expulsa estudantes que precisam trabalhar. Em 2025, na URE Norte 1, comunidades escolares, apoiadas pela subseção Oeste-Lapa do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), derrotaram essa imposição em 15 das 18 escolas ameaçadas. Outras duas, Escola Estadual Lacerda e Escola Estadual Jacob, seguem em uma batalha judicial contra as irregularidades na consulta fake às comunidades escolares.

TARCÍSIO NÃO AVANÇA SOZINHO

Para fazer avançar esse projeto, Tarcísio conta com apoio do governo federal. É com financiamento do BNDES e amparo na lei das Parcerias Público Privadas (PPP) de Haddad que Tarcísio avança a privatização em São Paulo. O ataque à carreira docente antecipa a reforma administrativa que se costura em Brasília, alinhada ao arcabouço fiscal de Lula, que corta serviços públicos para atender às exigências dos banqueiros credores da dívida pública.

A manutenção do Novo Ensino Médio, os acordos do governo Lula com os grandes grupos privados e a política do MEC avalizam o

fechamento do noturno. A exigência de comprovação de trabalho formal exclui milhares de jovens da escola, punidos duas vezes pela informalidade.

Segundo Flavia Bischain, coordenadora da subsele Lapa da Apeoesp, é preciso organizar a luta dos professores com independência de classe. “A direção central da Apeoesp, ao subordinar a luta à defesa da frente ampla, atua como dique de contenção e cúmplice dos ataques. Não é possível enfrentar Tarcísio até o fim sem romper com o governismo e sem enfrentar também a política do governo federal”, disse.

CAPITALISMO, EDUCAÇÃO E QUEM PAGA A CONTA

Esse projeto está diretamente ligado aos interesses do capitalismo: ao mesmo tempo que suga recursos públicos, precariza a educação para formar a mão de obra barata e disciplinada que o sistema exige. Não se trata apenas de eliminação física de professores, mas de uma eliminação pedagógica, que desumaniza o trabalho docente e destrói o sentido educativo da escola.

Quem paga a conta é toda a classe trabalhadora: estudantes sem acesso à escola, trabalhadores mais precarizados e um futuro de maior desigualdade.

INDEPENDÊNCIA DE CLASSE PARA DEFENDER A EDUCAÇÃO PÚBLICA

A defesa da educação pública exige unidade entre professores, funcionários, estudantes, pais e comunidades escolares, com independência diante dos governos. Só haverá uma educação

verdadeiramente emancipadora quando as decisões sobre as riquezas que produzimos e sobre a formação de nossas filhas e filhos estiverem nas mãos da classe trabalhadora – e não de quem lucra com a privatização da educação e com a nossa exploração.



Manifestação na Av Paulista contra a política de Tarcísio e Feder na Educação estadual

- | Nenhum professor sem emprego, nenhum estudante sem escola!
- | Abaixo a atribuição da eliminação!
- | Revogação imediata das resoluções autoritárias e da demissão de professores!
- | Em defesa do noturno, da EJA e da escola pública: reabertura imediata de todas as salas e turnos fechados!
- | Não à privatização da educação! Fora Lemman do MEC, fora Feder da Seduc!
- | Por uma educação pública, gratuita e sob controle da classe trabalhadora! ■

IMPUNIDADE

Justiça por Orelha!



MARINA CINTRA,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)



Orelha. Foto: Reprodução

Nas últimas semanas, o Brasil se chocou com a notícia do assassinato sob tortura do cãozinho comunitário Orelha, na Praia Brava, em Santa Catarina. Foi um dos assuntos mais comentados nas redes sociais, e no dia 1º de fevereiro ocorreram manifestações por todo o país exigindo justiça. A brutal agressão sofrida pelo cachorro foi realizada por adolescentes ricos e brancos da região, filhos de donos de grandes redes de hotéis em Florianópolis.

Infelizmente o caso de Orelha traz à tona a seletividade da justiça no Brasil e escancara o descontrole total em relação ao acesso às redes sociais e à internet, pois casos de maus-tratos aos animais como esse acontecem todos os dias em grupos nas redes sociais.

A JUSTIÇA, A GRANDE MÍDIA, O GOVERNO E A POLÍCIA TÊM LADO: DOS RICOS E PODEROSOS

A população brasileira não se revoltou só com a barbárie que aconteceu com o cãozinho Orelha, mas também com a seletividade e o acobertamento da justiça no caso. Logo após cometerem o crime, dois dos adolescentes viajaram para a Disney, do dia 4 até o dia 29 de janeiro.

O porteiro que teria testemunhado a violência foi demitido. A delegada, em entrevista ao Fantástico, na Rede Globo, disse que “não havia nem uma prova que incriminasse os jovens”, e a própria reportagem do Fantástico cumpriu um papel vergonhoso ao deixar em bastante evidência “que não teria provas contundentes contra os adolescentes”. Agora, por fim, foi divulgado que apenas um adolescente deverá ser internado e três adultos foram indiciados. Cadê a justiça para Orelha? O que aconteceria se os adolescentes fossem pobres, negros ou nordestinos?

Esse crime brutal escancara a triste realidade que vivemos: a justiça serve para proteger os ricos e poderosos, serve para que eles possam cometer crimes e saírem tranquilos e impunes para logo em seguida cometer novos crimes. É por isso que reduzir a maioria penal não resolve: os adolescentes que mataram Orelha não seriam presos de nenhuma forma. Reduzir a maioria penal só vai levar a população pobre e negra para a prisão.

Lembremos aqui do caso que também aconteceu em Santa Catarina, da Mari Ferrer, que foi violentada pelo empresário André de Camargo

Aranha. Mesma coisa: rico, branco, poderoso. Resultado? Absolvido, mesmo após milhares de pessoas irem às ruas exigindo justiça e dando visibilidade ao caso. Poderíamos citar aqui diversas histórias parecidas. Nenhuma confiança na justiça dos capitalistas!

EM DEFESA DA REGULAMENTAÇÃO DA INTERNET E DAS REDES SOCIAIS

Cresce cada dia mais o número de grupos de ódio organizados via Discord, Telegram, X entre outros. Com o crescimento da extrema direita, jovens se organizam em grupos redpill, legendários etc., os quais disseminam misoginia, ódio a LGBTQs, pessoas negras e animais.

Atualmente, esses grupos se encontram sob total descontrole. Muitas vezes, são compostos por adultos e adolescentes que de fato saem das telas e cometem crimes de ódio fora, com frequência filmados, como foi o caso do cãozinho Orelha. Isso reflete um aumento da violência contra os setores oprimidos da sociedade. Por isso, são necessárias políticas públicas para combater a violência e a impunidade de fato.

JUSTIÇA PARA O CÃO ORELHA! NÃO AOS MAUS-TRATOS! PELA PROTEÇÃO REAL AOS ANIMAIS!

O que aconteceu com Orelha é intolerável. Não podemos aceitar que casos assim ocorram todos os dias. Precisamos combater os maus-tratos aos animais, por políticas públicas que de fato protejam os animais, sem nenhuma impunidade aos agressores como está acontecendo no caso Orelha. Queremos justiça para Orelha, que todos os agressores sejam punidos, bem como seus pais que acobertam seus crimes! ■

Carnaval com muita folia e protestos



DA REDAÇÃO



Bloco Acorda Peão

O Carnaval é a maior e mais popular festa brasileira. A folia momesca tem suas raízes fincadas no questionamento aos valores e práticas da classe dominante. Originário das festas gregas da Antiguidade, ocupou um importante espaço na sociedade medieval, um dos períodos mais sombrios da História, quando a Igreja era senhora todo poderosa da sociedade, fazendo reis, ditando regras, perseguindo e matando quem se colocasse em seu caminho.

Celebração da vida e seus prazeres, a festa pagã foi perseguida pela Igreja que, contudo, foi incapaz de proibi-la totalmente e acabou sendo obrigada a incorporá-la em seu calendário. Assim, a antiga celebração pagã foi

transformada em *'carnivale'*, uma última oportunidade para que as pessoas se refestelassem com os prazeres da carne, de forma literal e figurativa, antes do jejum imposto pela Quaresma.

Ao atravessar o Atlântico, o Carnaval ganhou, no Brasil, o tempero fundamental das culturas africanas e indígenas, que agregaram seu gingado e seus ritmos a uma festa que tinha como essência a inversão e o questionamento dos valores dominantes. Daí a sátira e as fantasias, que, pelo menos por alguns dias, elevavam o povo à condição de senhores das ruas.

De lá para cá, a festa sofreu um forte processo de domesticação e mercantilização. Contudo, ela não perdeu por completo aquilo que tem de mais libertário: a irreverência popular e a inversão dos valores vigentes.

“EU QUERO BOTAR MEU BLOCO NA RUA”

Blocos espalhados por todo o Brasil mostram a criatividade popular e reforçam a ideia de que arte e cultura podem (e devem) ser irreverentes armas contra o sistema. E fazem da rua o palco principal da festa e das lutas.

A militância do PSTU vai colocar o bloco na rua. O partido participa e organiza blocos carnavalescos. Nesta edição do **Opinião Socialista**, apresentamos três blocos que vamos curtir com muito confete e serpentina, protestos e críticas sociais.

CABELO DE FOGO



Como tema “Fogo no machismo e na exploração”, no próximo sábado, dia 7, pelo décimo segundo ano, o bloco Cabelo de Fogo sai às ruas no Carnaval de Pernambuco. A concentração será às 13h, na Petiscaria Santa Cruz (Rua Rosário da Boa Vista, 163), em Recife. A camisa custa R\$ 50, e o folião curte saboreando uma deliciosa feijoada e degustando cerveja gelada, ao som de orquestra de fervero.

O bloco é uma homenagem à companheira Sandra Fernandes e seu filho Icauã, vítimas da violência machista, que nos deixaram na véspera da festa preferida de Sandra, no Carnaval de 2014. O nome do bloco é uma alusão a uma das canções de frevo mais famosas do carnaval de Recife e Olinda, como também é para lembrar a alegria de Sandra, que tinha longos cabelos vermelhos.

“Ficamos com a tarefa de transformar esse luto, em luta. Por isso, criamos um bloco que

denuncia o machismo e toda forma de opressão e, ao mesmo tempo, mantém viva a alegria de Sandra, seu amor pelo carnaval, com seu cabelo vermelho e sua presença marcante nos festejos e na luta por uma sociedade sem opressão e exploração”, afirma Cláudia Ribeiro, da direção do PSTU Pernambuco.

“Nosso Estado é conhecido pelas lindas manifestações culturais que mostram a criatividade e cultura do nosso povo. Mas apresenta um triste cenário de altos índices de violência contra a mulher, assassinatos de travesti e racismo, que se expressa na violência policial. Por isso, o bloco sai fervendo e frevando contra toda forma de opressão”, completa Cláudia.

BLOCO ACORDA PEÃO



São José dos Campos e região, filiado à CSP-Conlutas, e outros sindicatos da região do Vale do Paraíba, o bloco Acorda Peão, que

tradicionalmente usa temas políticos como forma de crítica e alerta a população sobre os problemas do país, ganha as ruas da cidade de São José dos Campos no dia 14, com concentração a partir das 9h, em frente ao Espaço de Eventos dos Metalúrgicos (Rua Francisco Paes, 363).

Em 2026, o bloco Acorda Peão realiza seu 28º desfile. Com o samba-enredo “Vem pra rua protestar!”, composto por Davila & Cia, o bloco tece críticas sociais com irreverente, destacando temas que foram destaques na conjuntura política.

O samba-enredo denuncia a política imperialista do presidente estadunidense Donald Trump e a invasão da Venezuela para roubar petróleo. O presidente Lula (PT) é criticado por não governar para os trabalhadores. O Congresso Nacional é chamado de inimigo do povo. O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), é denunciado pela sua política de segurança pública que mata o povo negro na periferia. O prefeito de São José dos Campos, Anderson Farias (PSD), é cobrado pela implementação da tarifa zero no transporte público e denunciado pela política de privatização do Parque da Cidade. A pauta em defesa do meio ambiente também tem destaque no samba-enredo e nas alegorias do desfile.

OUÇA O SAMBA-ENREDO [CLIQUE AQUI](#)

MUDANÇA DO GARCIA



Bloco Mudança do Garcia

Em Salvador, na segunda-feira (16), milhares de foliões participarão da tradicional “Mudança do Garcia”, no Circuito Riachão. Com faixas, cartazes, fantasias irreverentes e fanfarras, ativistas dos movimentos sociais, entidades sindicais e estudantis e partidos políticos somam-se aos foliões que levam as pautas populares ao circuito tradicional da maior festa de rua do planeta.

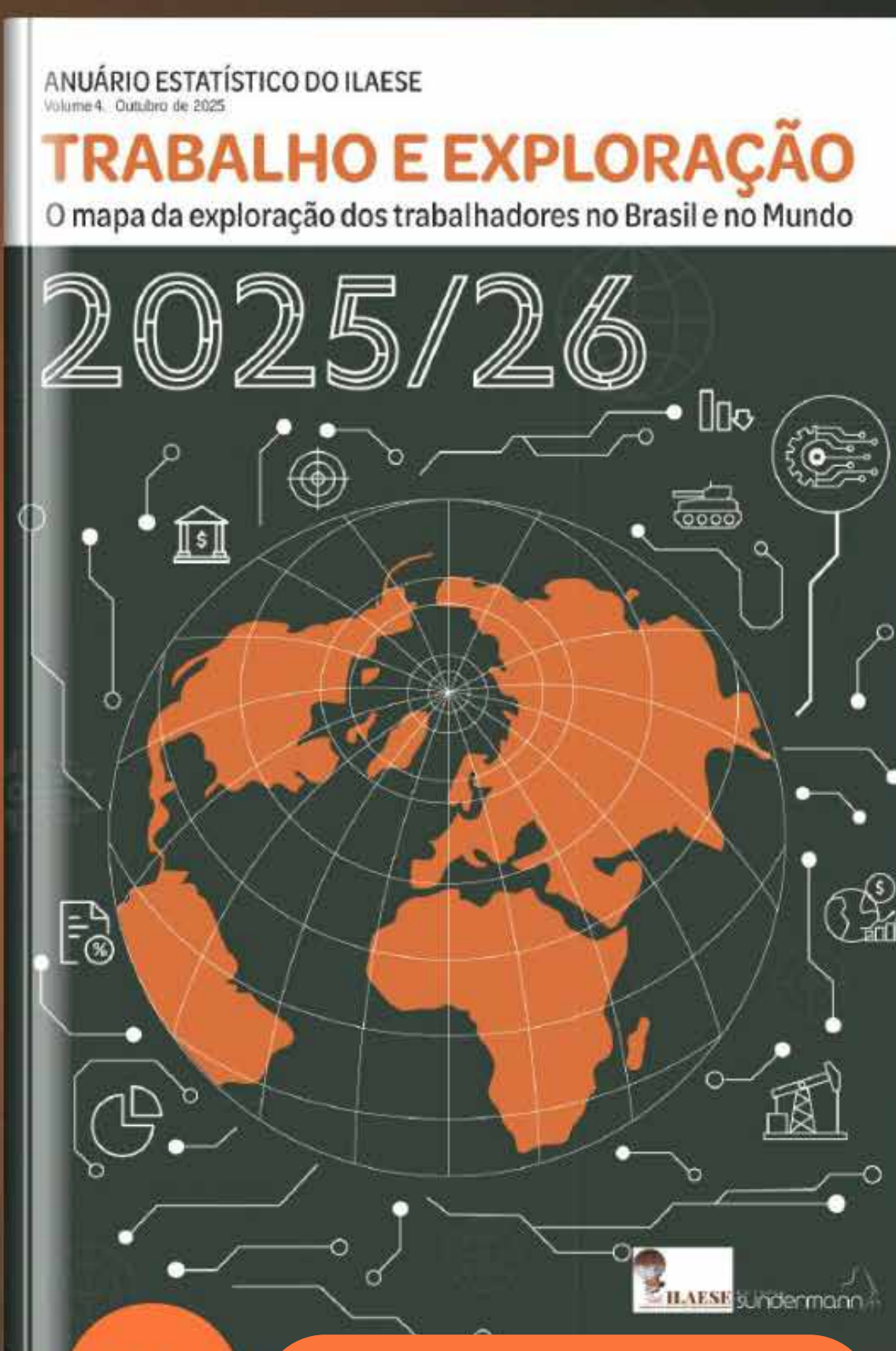
Este ano, a militância do PSTU e os ativistas da CSP-Conlutas e suas entidades filiadas irão participar em um bloco unitário com outras organizações que integram a campanha pelo fim da escala 6×1.

“2026 começa com a pauta pelo fim da escala 6×1 em evidência. Importante aproveitar o Carnaval para levar às ruas a exigência ao governo Lula do fim escala 6×1, sem redução de salários e direitos”, pontua Victor Marinho, militante do PSTU e integrante do Comitê Baiano pelo Fim da Escala 6×1.



ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ILAESE

Trabalho e exploração: O mapa da exploração dos trabalhadores no Brasil e no Mundo



R\$70

ACESSE AQUI

- Metodologia que revela as relações sociais existentes: a exploração entre classes inconciliáveis e a apropriação desigual da riqueza produzida.
- Rankings da exploração, produtividade, salários, terceirização e impactos das novas tecnologias sobre a classe trabalhadora, no setor privado e público.
- Estudo das grandes corporações, dos novos ramos produtivos, da disputa entre potências e do lugar do Brasil no capitalismo global.

VEJA A NOVA EDIÇÃO DO CORREIO INTERNACIONAL

CORREIO
Internacional

28



TRUMP
E A AMÉRICA
LATINA